1.ª EDIÇÃO

Diário de Lisboa

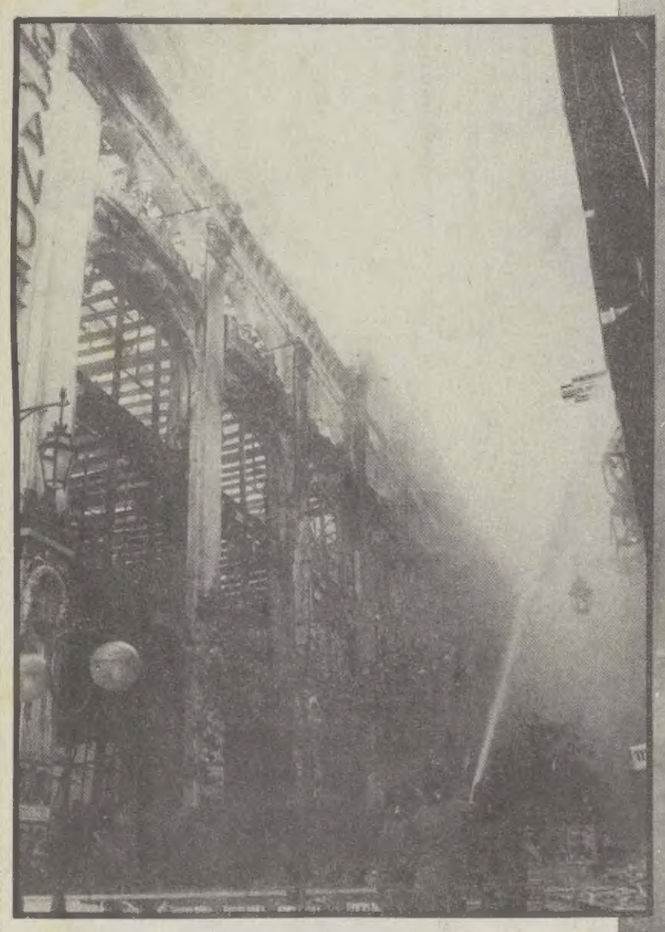
ANO 68 N.º 22 748 Quinta-feira, 25 de Agosto de 1988 Preço 50$00

Edifícios desmoronam-se: é um segundo terramoto

CATÁSTROFE

Coração de Lisboa em chamas

Milhares de bombeiros com centenas de viaturas e auxiliados por meios aéreos combatiam, ao fim da manhã — apesar de o sinistro ter sido já dado como praticamente controlado — o pavoroso incêndio que deflagrou pouco depois das cinco da manhã nos Armazéns Grandella, praticamente falidos e cujo proprietário tinha sido libertado horas antes do incêndio, depois de ter sido acusado pela polícia de burla ao fisco e de fogo posto. As chamas tinham provocado, até ao fecho desta edição, um morto e vários feridos (16) — um número de vítimas baixo mas só possível porque se trata de uma zona predominantemente comercial e porque o fogo começou e alastrou antes da abertura das lojas. Mas — drama, catástrofe — foi o facto de não ter sido possível salvar uma boa parte da baixa histórica de Lisboa. Para tanto, terá contribuído em boa parte a actual arquitectura da Rua do Carmo e as inerentes dificuldades no acesso dos bombeiros ao local onde as chamas se iniciaram. Uma responsabilidade ainda não apurada na íntegra mas sem resposta do presidente da Câmara de Lisboa, Krus Abecasis. As suas declarações, até agora, vão no sentido de que a recuperação não será possível sem um projecto global. Cavaco Silva, que chegou ao local pouco antes do meio-dia, já referiu que se trata de «uma catástrofe para Lisboa». Mário Soares, antes, tinha declarado que «vamos recorrer a todos os meios possíveis para acorrer ao que for necessário».



PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54/5 — 32 02 71/2/3 — Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71/2/3
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS, Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84
Preço do «DL» nos Açores e Madeira: 65$00
DEPOSITO LEGAL: 1428/82

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

CONDOLÊNCIAS DE DÉLORS: «Foi com emoção que tomei conhecimento do incêndio que neste momento assola o centro de Lisboa. Nesta dramática circunstância, em nome da Comissão das Comunidades Europeias e em meu nome próprio, quero assegurar-vos a nossa profunda simpatia». Este o teor de um telegrama de Jacques Délors enviado esta manhã ao Presidente da República e ao Primeiro-Ministro.

Dante, a visita que ninguém esperava

FOGO DESTRUIU EM CINCO HORAS O QUE O MARQUÊS FEZ EM VÁRIOS ANOS

Julio Rodrigues

Ardeu o «Grandela», ardeu o «Chiado», ardeu a CRGE (Companhias Reunidas de Gás e Electricidade), ardeu o «Eduardo Martins», ardeu o «coração» de Lisboa. Chamas por todo o lado: Rua do Carmo, Rua Nova do Almada, Rua do Crucifixo, Rua Ivens, Rua Garrett, Rua do Ouro, Rua dos Sapateiros, Calçada do Sacramento. Nem o «Pepe» escapou, a Companhia de Seguros «Espanha SA» também não. «Isto é uma desgraça», disse um empregado dos «Dezassete», ao ver que ficou sem trabalho. A loja desaparecera na voragem das chamas. O fogo ameaçava a Rua do Carmo, o comando-geral da GNR.

Três horas depois da eclosão do mais violento incêndio de todos, a Baixa de Lisboa era um mar de gente contida a custo pela PSP que, a bem dizer, mobilizou todo o seu pessoal disponível. As chamas ameaçavam o «Montepio», a metade inferior da Rua do Carmo. Todos os acessos ao centro do fogo estavam cortados. De vez em quando, uma ou mais botijas rebentavam. Pareciam caçadores no disparo. Os bombeiros sentiam cada vez mais dificuldades.

As labaredas subiam por todos os lados e do n.º 29 da Rua Garrett eram retirados os hóspedes de uma pensão. «Já não posso caminhar», queixava-se a velhinha, conduzida por dois agentes da PSP. Populares acusavam Abecasis pelo arranjo da Rua do Carmo que, segundo eles — corroborados por vários bombeiros — impedira um ataque ordenado às chamas. Havia pessoas a mudarem os seus haveres. Encontramos, já com quatro horas de fogo, sempre a avançar, duas famílias no Largo da Misericórdia com os «tarecos» e roupas mais indispensáveis.

O «Chiado» e o «Grandela» eram, então, dois corpos estranhos e disformes: já nem as paredes se seguravam. Eram autênticas «caveiras», se a imagem nos é permitida.

Dante? tinha, inesperadamente, visitado o «coração» de Lisboa. José Amado, bombeiro dos Voluntários de Campo de Ourique, disse ao «DL» que nunca combatera «coisa assim». «Nem no incêndio na Faculdade de Ciências, em que estivemos 63 horas de serviço», acrescentou. Maria João, uma jovem bombeira da mesma corporação, estava abismada com o espectáculo, apesar de já ter actuado em alguns incêndios.

A debandada

Na Rua Nova do Almada era a debandada, pouco antes das 8 horas e 30. O advogado Francisco Gil Pinheiro, mais a esposa, retirava tudo o que podia — sobretudo livros — do seu escritório da Rua do Crucifixo, que até há bem pouco tempo era de Leonardo Ribeiro de Almeida e outros.

«Vamos tentar salvar tudo o que pudermos», disse a esposa ao «DL», lembrando que no mesmo escritório trabalham Ricardo Sá Fernandes, António Cordeiro e duas advogadas. Com o mesmo empenho, funcionários do BPA, entre as Ruas Nova do Almada e do Crucifixo, punham também a salvo todos os documentos possíveis.

Os Bombeiros Voluntários de Algés cobriam e resguardavam a Rua do Crucifixo, num ataque aparentemente bem montado, em que a velocidade da propagação das chamas era superior à capacidade humana. Prédios velhos, material altamente inflamável (artigos de desporto, livros, pronto-a-vestir, etc.), mais uma pontinha de vento, obstaculizavam o ataque ás chamas. Tudo era pavor, apreensão, receio. Ao fundo da Rua do Carmo, os poucos moradores desta artéria — que Abecasis alinhou com um arranjo que dificultou seriamente o ataque às chamas e poderá ter constituído o grande obstáculo a uma mais pronta e eficaz intervenção dos bombeiros — vergavam-se á ideia de terem de abandonar as suas casas.

Viriato Carvalho, chefe dos serviços administrativos do «PJ», estava de atalaia, rádio nos ouvidos, olhar até ao cimo da rua. Ele vira as chamas, imparáveis, descer quase até meio da artéria. De um lado e do outro da rua. A «Melodia» desaparecera, praticamente, assim como a loja de artigos de desporto, a casa de artigos de bebé e o «Hello Chiado», entre outras.

«Se isto vem por aí abaixo eu saio, claro», disse Viriato Carvalho ao «DL».

Bombeiros de todos os lados

E chegavam bombeiros de todos os lados. A água ia-se escoando, havia corporações a debater-se com esse problema, apesar do recurso a duas fontes especiais, porque uma terceira «gripou». E as pessoas perguntavam: mas onde é que está a Força Aérea (antes das 8 horas um «heli» poisara no Terreiro do Paço)?

Era impossível apurar o número de feridos, muito embora as ambulâncias silvassem e alguns populares contassem a história do costume. Numa das frentes de ataque ao fogo, os BV de Algés não sabiam de bombeiros intoxicados. Miguel Oliveira, comandante da corporação, afirmou ao «DL» que, apesar dos seus 28 anos de activo, nunca vira «espectáculo assim».

«Nem na Lanalgo», acrescentou, enquanto ordenava aos seus homens que se preparassem para não deixar as chamas estenderem-se para lá do Chiado. Isso parecia impossível face a prédios velhos que nunca foram limpos...

Na Calçada do Sacramento, os BV de Alhandra — que haviam chegado ao Chiado pouco depois das 9 horas — ajudavam os da Pontinha, Barcarena e Linda-a-Pastora estes no Largo do Carmo, onde a Cruz Vermelha montou uma unidade de socorros de emergência) a defenderem a Escola Veiga Beirão. As chamas ameaçavam já o próprio elevador de Santa Justa. No hospital da companhia de seguros Império — sem luz, que obviamente foi cortada para evitar curtos-circuitos — havia alguma apreensão. O proprietário do café-pastelaria do Largo do Carmo ajudava os bombeiros, pensando também no que poderia retirar caso o fogo subisse.

Várias explosões

As botijas de gás ajudaram a propagar o fogo. Pode bem dizer-se que botijas, madeiras velhas e ressequidas, paredes ocas, telhados frágeis facilitaram a propagação das chamas que calcinaram quase todos os estabelecimentos comerciais desta parte da baixa pombalina, deixando também muitas pessoas sem lar.

Destacados para a Rua Nova do Almada, os BV de Carnaxide pouco podiam fazer ante chamas que avançavam por prédios velhos, madeiras de muitos anos, gastas, como faca quente em manteiga. A Sthendal era um pasto de chamas, a Joalharia Morais estava para cair. No lado contrário, os Sapadores resguardavam a parte superior do Montepio (na Rua do Carmo), que estava em obras. Pelo menos, a área onde está instalado o cofre-forte, segundo disse o director financeiro daquela instituição bancária. Na Rua do Ouro, os bombeiros tinham evitado, numa primeira fase, que as chamas passassem do Grandela para o Montepio. Da Livraria Férin, empregados retiravam o que podiam.

Uma explosão mais forte, antes das 9 horas, atraiu as atenções dos BV de Odivelas e Ajuda, que estavam de reserva na Rua Ivens, cujo restaurante com o mesmo nome parecia mais exposto às chamas. Havia o receio de caírem mais prédios que aqueles que entretanto já haviam caído, sobretudo na Rua Nova do Almada.

Havia bombeiros de todos os lados da Grande Lisboa, num raio de meia centena de quilómetros, coadjuvados por várias corporações do distrito de Setúbal: Seixal, Trafaria, Cacilhas, Almada, entre outras corporações. Da Grande Lisboa propriamente dita, todos os dos concelhos de Lisboa, Cascais, Oeiras, parte de Loures (Pontinha sobretudo), Vila Franca, Sintra, etc. Era impossível contar corporações e homens.

Havia falta de água três horas depois do deflagramento do incêndio, seguido por populares acantonados em todos os lados, desde o Rossio ao Largo do Carmo e ruas envolvidas. Chegaram os BV de Alhandra à Rua Garrett, retiraram-se os da Agualva-Cacém em busca de água.

Dante havia feito uma visita matinal a Lisboa, destroçando o seu «coração», grande parte da baixa pombalina. Uma madre italiana, livro na mão, levantava os braços para o céu. Mas Deus não ouvia os seus rogos, a sua prece: as chamas continuavam a calcinar tudo.

Um primeiro ferido neste ataque às chamas: o jovem bombeiro de Campo de Ourique, Pedro Miguel da Silva, que contou ao «DL»: «Foi pouco depois de aqui chegar, antes das seis horas. Caiu-me uma trave que me apanhou a mão direita.» Recebeu tratamento hospitalar e, com a mão envolvida, voltou à Rua do Ouro.

Dizia-se esta manhã em toda a Lisboa que fora a maior tragédia que se abatera sobre a capital, depois do terramoto.

Rua do Carmo leva as culpas todas

INFERNO E IMPOTÊNCIA NO MEIO DO DESASTRE

Jose Antonio Cerejo

A imagem é simplesmente aterradora e dantesca. De pé, envolta em labaredas e em fumo, a empena da entrada principal dos Armazéns do Chiado é praticamente tudo o que resta quando nos aproximamos pela rua Garret abaixo. O calor é insuportável, os bombeiros estão extenuados e a ideia imediata com que se fica é a de que a todos falta o Norte, que ninguém sabe muito bem o que fazer perante a dimensão da tragédia. São neste momento nove horas, os bombeiros trabalham desde as cinco e seis da manhã e o sentimento que expressam é de desalento e frustração. "Sou bombeiro há trinta anos e nunca me senti tão impotente face às chgamas", diz à reportagem do "DL" César da Silva, dos Voluntários de Lisboa.

Na Rua do Carmo o fogo continua a consumir o muito pouco que ainda resta dos armazens do Grandela, imediatamente a seguir ao edifício do Montepio Geral, que junto ao elevador de Santa Justa resiste graças à solidez das sua própria estrutura e à qualidade das recentes obras de que foi alvo até aos tectos e, sobretudo, a uma milagrosa auto-escada Snockel dos Sapadores bombeiros que trabalha ao nível dos telhados da Rua do Ouro vomitando milhares de litros de água sobre o Grandela e evitando que as chamas se propaguem para o outro lado da rua e para o Montepio. Frente ao Grandela e ao Chiado, na Rua do Carmo, ardem todos os prédios que vão desde a altura do número 51 C (loja David & Monteiro, cujos andares superiores permanecem a salvo das labaredas) até à esquina com a Rua Garrett, precisamente onde está a EDP. Pelo meio fica uma pensão onde, segundo informações impossíveis de confirmar terá morrido um homem de idade avançada, e ficam sucessivos imóveis, o primeiro dos quais, quando se vem da rua 1º de Dezembro é o da loja de modas Maia.

Lá de cima do alto da "passarelle" que dá acesso ao elevador de Santa Justa, a partir do Largo do Carmo, a rua exibe um espectáculo infernal, onde assumem relevo as imagens das ruínas que o Grandela e o Chiado já são e as estruturas metálicas que lhe ficam no meio, calcinadas, depois de desmoronados os telhados e os pisos dos dois imóveis. Empregados da Carris e do restaurante a Quinta, que está entre as traseiras da escola Veiga Beirão e o topo do elevador de Santa Justa, assistem com o repórter à inacreditável cena que no meio do braseiro dos telhados da rua do Carmo constitui um jacto inútil de uma pequena agulheta, que mais parece o de uma criança a urinar sobre uma fogueira, que um bombeiro solitário lança das janelas de trás da Veiga Beirão.

Unânimes, os presentes observam a devastação da Rua do carmo, lá por baixo da "passarelle" do elevador. Atravancada pelos polémicos e enormes canteiros de cimento e mármore, que lá foram construídos há alguns anos, e por contentores (três pelo menos) de detritos de obras em curso, propriedade da empresa Conursa, a rua mostra-se como um amontoado obstáculos intransponíveis para os carros dos bombeiros.

As culpas da Rua do Carmo

O único dos veículos de combate ao incêndio que aí se encontra, não ultrapassa aliás a altura do edifício do Montepio, justamente aquele que limita a área sinistrada. Para lá é território das chamas, os edifícios, sobretudo os do lado direito, que não têm qualquer acesso pelo lado da rua do Ouro e do Crucifixo são pasto indefeso das chamas. "Isto é um escândalo absolutos", diz mais tarde ao "DL" um dos bombeiros de serviço à escada "snockel". "A grande maioria das nossas auto escadas não conseguem passar por ali porque quando não têm espaço para descer os braços laterais em que têm que se apoiar quando estão em serviço". Além disso, acrescenta a "snockel" é a única viatura deste tipo que exiete em todo o país. Em seu entender se houvesse três ou quatro tudo teria sido diferente,. Em conversa com o "DL" o arquitecto Ribeiro Teles, que corre pela baixa de um lado para o outro, limita-se a comentar: "quando isto foi feito eu disse o que tinha a dizer, e até os bombeiros foram contra a construção, agora eu não quero sequer falar da Rua do Carmo. A nossa sorte é que o vento esteja do Norte, se estivesse do Sul havíamos de ver."

Contra esta opinião falka o Major Costa, um dos responsáveis dos Sapadores Bombeiros no local: "foram feias simulações de incêndio há algum temop e isto funcuionou. As snockels não são o principal elemento ni combate a esta situação, mas se fosse preciso a que está na Rua do Ouro entrava aqui, partia umas coisas, mas entrava". Segundo este responsável, "os meios de que os bombeiros dispõem para atacar a situação são suficientes". "Estão cá todas as viaturas operacionais e não tenho falta de meios", acrescentou.

Quem via, de rua em rua, no meio de um cenário desolador e por entre explosões repetidas de bilhas de gás que volta e meia lançavam mais labaredas no ar e faziam alastrar o fogo para novops telhados não acreditava pura e simplesmente no major Costa.

"Chegou agora mesmo um tanque de barcarena, tem que haver alguém a orientar isto, para onde é que mandamos o tipo", dizia pelas 8H15 um bombeiro no largo do Carmo, quando nessa altura o fogo lavrava essencialmente ao fundo da Calçada do Sacramento, anexo dos estabelecimentos Eduardo Martins, que, tal como a casa-mãe o outro lado da rua ficaram apenas reduzidos a escombros em perigo de ruir. Cá em cima procurava-se defender, sem meios, a escola Veiga Beirão, e na Rua Garret tentava-se evitar que o fogo transpusesse a Calçada do Sacramento em direcção aos edifícios do "Novo Figurino" e, mesmo em frente, tentava-se evitar que os armazens Dezassete fossem atingidos. O prédio da seguradora Espana, entre os armazéns Dezassete e a sede do Eduardo Martins já estava a arder no topo, e, cerca das 10H30, a sede do Eduardo Martins, tanto do lado da Rua Garret, como do da Rua Nova do Almada estava totalmente calcinada.

Neste ambiente aterrador os bombeiros procuravam então, a todo o transe, evitar que o fogo, então no alto do Restaurante Ivens & Ivens, alastrasse para lá da Calçada de São Francisco, traseiras da sede do eduardo Martins, em direcção ao quarteirão do Grémio Literário.

Ansiosos, mas sem pânico, nas imediações controladas pela polícia, miljhares de populares aguardavam o fim da tragédia e as notícias sobre o destino das suas vidas, empregos e casas.

Acidentes pessoais foram poucos

"Há 22 anos que sou bombeiro e nunca vi nada assim"

—disse ao "DL" um sapador sinistrado

«Há 22 anos que sou bombeiro e nunca vi nada assim», disse ao repórter do «DL», deitado na maca, um soldado do Regimento de Sapadores Bombeiros a quem era prestado tratamento no banco de urgências do Hospital de S. José. Falando a custo, visivelmente emocionado, conseguiu dizer-nos o seu nome: Domingos Ramos, percebemos. A meio da manhã, ele e um colega eram os únicos afectados que no momento estavam sob observação naquela unidade hospitalar, vítimas de intoxicação e de cansaço. Carlos Manuel Rosa Sobral, do mesmo regimento, falou-nos com lágrimas nos olhos e um tubo introduzido numa narina das explosões e das derrocadas, que presenciou e contribuiu para debelar até cair sem forças.

No segundo andar do S. José, na unidade de cirurgia clínica, estava internada Rosalina Lopes Lobo (moradora no quarto andar do número 43 da Rua do Carmo, que ardeu), com queimaduras de primeiro e segundo grau, quando ali chegou um bombeiro bastante queimado.

Em conversa com diversos médicos fomos informados «in loco» que tem sido reduzido o número de pessoas necessitadas de assistência médica, o que, comentaram ao jornalista, os admirou particularmente, dadas as dimensões do sinistro que afectou a zona do Chiado. Vítimas mortais apenas se registou uma, um homem de 60 anos cuja identidade ainda se desconhecia à hora do fecho da nossa edição. Pelas urgências do S. José passou pouco mais de uma dezena de sinistrados, que recolheram a suas casas logo de seguida, contando-se entre estes um sapador que sofreu uma queda e fracturou uma perna. Mais frequentadas foram as tendas montadas pela Cruz Vermelha no Chiado, na Rua do Carmo e no Rossio, onde foram socorridos os bombeiros intoxicados e os 12 que foram atingidos por escombros sem implicações mais sérias. Aí recorreram também os habitantes desalojados da área do incêndio, que denotavam fortes comoções.

O reduzido número de casos mais graves em termos de acidentes pessoais ter-se-á devido à pronta evacuação do Chiado e zonas circundantes, embora os clínicos do S. José temessem o pior quando, entre as 11 horas e o meio-dia não se sabia ainda se o incêndio estava ou não controlado. Receava-se, por exemplo, que explosões de gás e de aparelhos de ar condicionado vitimassem os soldados da paz deslocados para o local por diversas corporações de Lisboa e arredores. Antecipações dos Serviços Meteorológicos não eram as melhores: previa-se para o princípio da tarde uma viragem de vento para forte nortada, com 28 a 36 quilómetros para a velocidade do vento que, no local das chamas, aumentariam devido às correntes ascendentes e descendentes provocadas pelas chamas. O risco de propagação era uma evidência, há hora em que o jornalista escreveu estas linhas, devido ao transporte de fagulhas pelo vento para outros edifícios.

Um avião que esteve para lançar calda retardante sobre a zona não pôde actuar por se ter verificado que se iria impedir a acção dos bombeiros em terra, tornando o solo escorregadio. Estão em serviço 48 corpos de bombeiros dos concelhos limítrofes, envolvendo 542 homens, 37 prontos-socorro, 44 autotanques, 10 autocomandos, 11 auto-escadas e sete ambulâncias. No momento em que escrevemos este texto as estações de rádio apelavam para que os moradores de Lisboa levassem leite e mantimentos aos bombeiros., mas que não se concentrassem na zona do sinistro.

Mário Soares para Eurico de Melo

ONDE É QUE ESTÃO OS MEIOS AÉREOS SENHOR MINISTRO?

Neves de Sousa

Onde é que está a Força Aérea, senhor ministro?

Mário Soares, que saiu de sua casa pelas 8 e 50 e, desperdiçando a viagem para a Praia de Vau (onde se prepara para receber Perez de Cuellar, secretário-geral das Nações Unidas), encarou frontalmente o ministro Eurico de Melo e repetiu a questão: **«mas onde é que está a Força Aérea?**

Eurico de Melo (vice-primeiro ministro e ministro da Defesa) respondeu qualquer coisa ao Presidente da República (a Polícia de Intervenção estava a afastar toda a gente do supremo magistrado da nação) e só voltou a escutar-se Mário Soares, declarando para os jornalistas:

É uma das maiores catástrofes que assolaram este país. Vamos imediatamente tomar todas as medidas para realojar os cidadãos que perderam os seus haveres e providenciarmos no sentido de reconstruir todos os edifícios que forem possíveis de reerguer.

Ao lado, os comentários eram duros:

Então o presidente Abecasis não aparece? Ele terá consciência da obra que autorizou na Rua do Carmo, com aqueles assentos de cimento para o turista de pé descalço?

Outros habitantes do local, enquanto carregavam aquilo que lhes era possível retirar das suas casas:

Compraram aviões velhos para a caça ao submarino e os helicópteros parece que nem podem passar do Terreiro do Paço...

Continua o combate. Tendas montadas pela Cruz Vermelha tomaram de assalto boa parte do Largo do Chiado. O esqueleto esventrado daquilo que se chamou Grandes Armazéns do Chiado é um espectro fumegante ao fundo da Rua Garrett.

Escuta-se uma tremenda explosão vinda do bojo da Casa Eduardo Martins: **mais uma botija de gás, que vai pelo ar!.** Uma escada Magirus, com três «soldados da paz», quase poisa sobre o «Novo Figurino»: quatro bombeiros já estão no telhado do prédio e, com certo desespero, chamam a atenção dos colegas para o fogo que toma o topo da Casa Jerónimo Martins. Os donos de «Os Dezassete» choram convulsivamente, dois casais que tinham pernoitado na Pensão Franco estão embrulhados em cobertores e lençóis: única coisa que tomaram nos braços quando fugiram a sete pés do brazeiro que se aproximava.

A zona é um pandemónio. Aparecem mais viaturas dos bombeiros: vêm de Camarate, de Cacilhas, de Sintra, Carregado, Almeirim, Oeiras, Alhandra, Algés, Parede. Há velhos e crianças em autêntico pânico, mirando de longe os vidros estilhaçados das suas casas que foram sonhos erguidos para derrube em breves segundos.

Outra explosão e, logo, um andar inteiro do «Novo Figurino» que vem por aí abaixo. Peças de fazenda, livros e pequenos cofres tudo o que pode ser salvo é posto para longe por gente que corre, em desespero, Garrett acima, porque a Nova do Almada está totalmente bloqueada por mangueiras e bombeiros, que tentam controlar o sinistro.

Mário Soares surge novamente ali perto:

— Creio que a situação pode considerar-se mais calma. Resta a dúvida da Santa Justa e da Nova do Almada: se o fogo alastrasse era um cataclismo: até poderia destruir as Finanças e o Tribunal da Boa Hora...

Depois, virando-se para uma pequena multidão:

— Quero, desde já, felicitar a acção dos bombeiros e também agradecer à população civil que os veio ajudar. O coração dos portugueses está aqui bem patente!

O carro de uma empresa de segurança toma posição na Rua Capelo, para a eventualidade de ter de transportar quadros das instalações do Grémio Literário. Comerciantes desesperados choram como Madalenas. Em torno dos vidros da Casa da Sorte os bombeiros despejam água para que o prédio não aqueça: e, simultaneamente, vão bombardeando com hectolitros as paredes de «Os Dezassete».

É um espectáculo dantesco, impossível de descrever: sequer de poder saltar da retina do repórter para o leitor que o acompanha. O fogo sai em línguas pelas paredes, pelas portas, das varandas, por entre telhas. O inferno mora em Lisboa.

São dez horas exactas: aparece um autotanque de espuma do aeroporto de Lisboa. O condutor diz-me: **«O que eu sofri para conseguir aqui chegar...»** O coronel Santinho Matias, comandante do Regimento de Sapadores Bombeiros e chefe da operação, é rápido:

— Realmente, a primeira ideia é de que houve fogo posto. Só no rescaldo os nossos técnicos podem chegar a uma conclusão...

Ao lado fala-se num nome, baila uma figura em muitas bocas, citam-se pessoas a quem o incêndio inicial (no Grandella) poderá beneficiar, em termos de seguro.

Chega mais polícia. Mais bombeiros aparecem. Elementos da Protecção Civil e da Cruz Vermelha continuam em correrias. Chega mais leite, mais água.

Só o incêndio continua. São onze horas de um dia que Lisboa não poderá esquecer.

Primeira reacção do Presidente ao chegar à Baixa

"É uma calamidade nacional"

«É uma catástrofe incalculável como se está a ver. É uma coisa de uma gravidade espantosa. É uma calamidade nacional. A nossa baixa pombalina está a ser destruída. É gravíssimo». Foram estas as palavras de Mário Soares ao chegar à Praça do Município, às 8.50 h. O Presidente da República foi a primeira figura pública a acorrer ao local, tendo pedido imediatamente para falar com o coordenador das operações.

Do edifício da Câmara, onde não chegou a entrar, Mário Soares dirigiu-se a pé à Rua Nova do Almada, local onde o incêndio estava a atingir as proporções mais graves. Aí, o chefe de Estado falou com o chefe dos bombeiros perguntando-lhe, primeiro que tudo, porque é que ainda não estavam a ser utilizados meios aéreos.

Segundo o responsável pelas operações, estava a ser estudada a possibilidade de utilizar o avião C 130. No entanto, aquela fonte declarou ter dúvidas acerca da conveniência de utilizar o aparelho: «O jacto de água que o avião deita é tão forte, que é capaz de deitar tudo abaixo».

Na altura em que Mário Soares chegou ao local, o fogo não estava ainda completamente controlado, havendo o perigo que, devido ao vento que se fazia sentir, as chamas atingissem o Tribunal da Boa Hora.

Interrogado pelos jornalistas sobre os planos e assistência às vítimas, o Presidente da República respondeu que não estava na hora de pensar nisso: «Neste momento o importante é controlar o incêndio», afirmou. Mário Soares recusou-se, porém a responder a uma pergunta de um jornalista sobre as dificuldades que a nova arquitectura da Rua do Carmo está a levantar ao combate às chamas.

No momento em que o Presidente se inteirava da situação, uma mulher, aparentemente moradora na zona sinistrada, chegou ao pé dele a chorar, dizendo: «Porque é que os bombeiros não começaram a actuar às 5.30 h da manhã, quando o incêndio começou, se nós os avisámos imediatamente ?»

Interrompendo as férias no Algarve

Cavaco Silva chegou a Lisboa ao fim da manhã

Um gabinete de emergência esteve reunido desde a madrugada, na Presidência do Conselho de Ministros, na rua Gomes Teixeira, presidido pos Eurico de Melo, Primeiro-Ministro em exercício, e formado também por elementos do Serviço Nacional de Bombeiros, Serviço Nacional de Protecção Civil e Serviço Operacional da Força Aérea (COFA).

O Primeiro-Ministro Cavaco Silva interrompeu as suas férias no Algarve, partindo às 9.15 horas de automóvel para Lisboa, a fim de se integrar na equipa governamental de emergência que acompanha o sinistro.

Entretanto, o Vice-Primeiro-Ministro, Eurico de Melo juntou-se ao Presidente da República, na Baixa, seguindo a evolução do incêndio e acompanhando o combate ao fogo e a prestação de socorros. A reunião semanal do Conselho de Ministros, marcada em princípio para as 9.30 horas, e a que deveria presidir Eurico de Melo, foi por isso adiada para mais tarde.

Cavaco Silva chegou a Lisboa cerca das onze horas, iniciando-se então a reunião do Conselho de Ministros, sob presidência de Eurico de Melo (não foi divulgada a agenda), enquanto o Primeiro-Ministro seguia para a Baixa lisboeta a fim de seguir de perto os esforços conjugados de combate ao incêndio.

Também o ministro do Comércio e Turismo, Ferreira do Amaral, cancelou a sua deslocação ao Autódromo do Estoril.

A LAREIRA
RESTAURANTE • BOITE
ESTÁ AGORA DIFERENTE DO QUE CONHECIA
VENHA VER A REMODELAÇÃO COMPLETA À PRAÇA DAS ÁGUAS LIVRES, 8-I, EM LISBOA
«A LAREIRA» — RESTAURANTE-BOÎTE SERVE BANQUETES, CASAMENTOS, BAPTIZADOS E TAMBÉM O SEU JANTAR DE NEGÓCIOS.
«A LAREIRA», EM LISBOA, É O SEU RESTAURANTE-BOÎTE. TELEFONE PARA 68 96 37.

BATAS ESCOLARES
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA
DEPARTAMENTO DE CONFECÇÕES
Av. João XXI, 5-D – 1000 (Metro Areeiro)
R. Infantaria 16, 55-C – 1300 LISBOA

O FILME DOS ACONTECIMENTOS DESDE O COMEÇO DO FOGO

05.00h - Incêndio deflagra nos Armazéns do Grandella. No entanto, o guarda do Elevador de Santa Justa afirma ter avisado os bombeiros cerca das 3 horas. «O fogo começou no res-do-chão e propagou-se muito rapidamente», diz o funcionário.

05.20h - O incêndio torna-se conhecido e as corporações de bombeiros começam a ser mobilizadas.

05.23h - sapadores de Bombeiros no local comunicam qual a situação e pedem reforços. Um comando avançado é montado no local.

O fogo propa-se aos edifícios circundantes. Pouco tempo depois, os Armazéns do Chiado começam também a arder. As sineres dos carros de bombeiros ecoam por Lisboa, e os populares amontoam-se nas ruas. As colunas de fumo espesso vêem-se por cima dos prédios.

05.58h - EDP corta a electricidade na Rua Nova do Almada, Boa Vista e Praça da Figueira.

06.00h - O edifício dos Armazéns do Grandella está praticamente sem recheio. Apenas as paredes exteriores estão de pé.

06.30 - Também as estações da EDP que servem a Praça do Comércio e o Chiado foram desligadas.

cerca das 07.00h - A Rua do Carmo está a arder, e há notícias de que o fogo avança para o Bairro Alto. A Polícia Judiciária encontra-se no local, e as primeiras suspeitas de fogo posto tornam-se públicas. Uma fonte das autoridades informa que um outro incêndio, que pode também ter origem criminosa, deflagrou pouco depois da uma hora da madrugada num edifício contíguo ao jornal «A Bola», na Travessa da Queimada, ao Bairro Alto, mas foi facilmente dominado.

Manuel Martins Dias, sócio maioritário do grupo proprietário dos Armazéns do Chiado e Grandella, e Luís Viegas, administrador deste último estabelecimento, foram ontem postos em Liberdade sob caução. A supeita de fogo posto deve-se ao facto de, há três anos, um outro armazém do grupo, o Paga-Pouco, em Tavir, ter sido consumido por fogo posto.

Os Armazéns do Grandella e do Chiado estão completamente destruídos e o fogo avança para Sul. A Rua do Carmo é um mar de chamas.

Cento e vinte homens de várias corporações combatem o sinistro, mas lutam com graves dificuldades de acesso à Rua do Carmo, devido à «decoração» camarária da rua.

O forte vento que se sente espalha fagulhas por toda a parte na Baixa lisboeta, provocando focos de incêndio e ameaça outras zonas.

Cerca das 0.730h - A situação agrava-se na Rua Nova do Almada: há chamas enormes em todo o quarteirão superior desta rua, e avançam em direcção à Rua Ivens. Também o segundo quarteirão daquela rua está a arder. Na esquina da Rua do Crucifixo para a Rua da Vitória o fogo grassa.

Na rua do Crucifixo os bombeiros evacuam os habitantes dos prédios e um dos moradores, de 60 anos, ao ser salvo desiquilibra-se e cai para as chamas: o único morto do incêndio da baixa pombalina. Três pessoas ficam feridas, uma delas é um bombeiro.

Nas ruas, os residentes dos prédios em chamas choram a perda das habitações. O ambiente é de grande consternação, e ninguém quer falar. Expectantes, olham as chamas que devoram tudo.

Cerca das 08.00h - O fogo continua a avançar. Na Calçada do Sacramento as pessoas estão a ser evacuadas. Bilhas de gás rebentam, e ouvem-se estoiros por toda a parte. A parte de baixo da Rua Garrett está a arder, e também alguns prédios da parte de cima.

Vinte e dois auto-tanques, com 22 mil litros de água e seis auto-escadas encontram-se no local. Mobilizadas todas as corporações de bombeiros de Lisboa e arredores: Sintra, Mafra, Loures, Oeiras, Almada, Cacilhas, Barcarena, Estoril e Alhandra combatem o incêndio.

Helicópteros da Força Aérea sobrevoam o local, dando indicações da extenção do incêndio aos bombeiros.

08.15h - No Governo Civil chegam doentes de um hospital pertencente a uma companhia de seguros.

No edifício do Grandella os pisos abateram todos, e a Rua do Carmo tem já fogo dos dois lados.

O fogo é limitado a Norte junto ao Elevador de Santa Justa, mas alastra-se aos Armazéns Jerónimo Martins. Ruas Augusta e da Prata não foram ainda atingidas. Os bombeiros pedem leite às populações.

Lisboa, vista da Ponte 25 de Abril, é uma enorme coluna de fumo.

08.30h - Da esquina da Rua do Ouro com a Rua da Vitória para cima, tudo está a arder. O fogo grassa também na Rua Nova do Almada. Os bombeiros começam a temer pela Rua Ivens, e a maioria dirige-se para lá. Nos hospitais de Lisboa, postos de socorros entram em funcionamento, e a Cruz vermelha mobiliza também os seus meios e monta postos nos locais sinistrados.

Com o alastrar do incêndio teme-se pelos milhões de contos guardados no edifício do Montepio Geral. Uma das condutas da EPAL rebenta, e a pressão de água nas mangueiras diminui.

08.45h - Explosão na zona do café 'A Brasileira'. O incêndio devastou o primeiro quarteirão da Rua Nova do Almada, do lado de quem desce. Mais carros de bombeiros chegam ao local.

08.55h - O edifício da Valentim de Carvalho, na esquina da Rua Garret com a Rua Nova de Almada está desfeito. O vento aumenta, o que dificulta o controlo das chamas.

Mais bilhas de gás rebentam. Nas ruas, pessoas em pijama têm nas mãos as poucas coisas que conseguiram salvar das suas casas em chamas.

No edifício da União de Bancos, funcionários transportam pilhas de papéis dos arquivos para a rua.

09.00 - O incêndio é delimitado: não transpõe a Rua do Ouro, mas avança na colina do Chiado. Os primeiros edifícios da Calçado do Sacramento foram consumidos pelo fogo, e os primeiros dois edifícios da Rua Garrett estão em chamas. Chegam mais canhões de água ao local.

09.05 - Ponto de situação: um morto, sete feridos, dois dos quais em estado grave. centenas de casas e estabelecimentos comerciais afectados.

09.10 - Pressão da água normal, e a EPAL afirma que poderá ser aumentada, se necessário.

O Presidente da República faz o seu primeiro comentário: «Isto é uma catástrofe!».

Primeiras notícias de que os bombeiros estão a conseguir controlar o fogo. Ainda não chegou à Escola veiga Beirão, no Largo do Carmo.

09.15 - Praça do Munícipio e Rua Nova do Almada sem telefones. O Tribunal da Boa Hora e os bancos estão encerrados. Segundo informações, a Rua Nova de Almada está cheia de destroços. Fachadas de vários prédios ruem. A água escorre pelas ruas. A Rua Ivens ainda sem fogo na parte inferior. O incêndio encontra-se a meio da Rua Garrett.

O vento sopra em direcção à Praça do Município. Famílias inteiras nas ruas, pessoas a chorar. No Largo de Camões, centenas de pessoas olham ansiosas para as chamas, na esperança de que o fogo não avance.

Não se vêem helicopteros, e os bombeiros queixam-se de falta de meios. As chamas atingem dimensões nunca vistas.

09.25 - Os serviços de incêndio do Aeroporto chegam ao local.

09.30h - Elementos da Polícia de Intervenção e da Cruz Vermelha chegam à zona em chamas. A força Aérea e o Exército ainda não interviram.

09.55h - Comunicações, gás e eletricidade completamente cortadas na zona da Baixa.

Mário Soares afirma: «É um incêndio de proporções incalculáveis, de uma gravidade espantosa. É um desastre nacional».

Na Calçada do Sacramento até à Escola Veiga Beirão, tudo arde. É neste momento o grande foco do incêndio. A Rua Ivens ainda não foi atingida, e pensa-se que não o será, pois os bombeiros conseguiram controlar o fogo naquela zona.

10.00h - Ao fim de cinco horas, o incêndio parece começar a estar controlado.

10.05h - Reunião de emergência no Serviço Nacional de Protecção Civil entre os seus dirigentes, os responsáveis pelas companhias de bombeiros e médicos. Neste «gabinete de crise» coordena-se o combete e o rescaldo do incêndio, e discute-se que apoio dar ás vítimas.

10.18h - Os bombeiros afirmam que o incêndio está semi-controlado. Tanto na Rua Nova do Almada como na Rua do Cruciofixo, fogo controlado. O lado esquerdo daquela primeira rua não chegou a ser atingido. Rua do Carmo: apenas um monte de escombros. As chamas são já mais baixas.

10.25h - Só na Calçada do Sacramento o fogo está ainda activo. os vereadores da Câmara Municipal de Lisboa encontram-se reunidos. Os responsáveis pela edilidade pedem às populações atingidas que se dirijam às respectivas Juntas de Freguesia para receberem informações sobre o seu realojamento, possivelmente para os Centros de Realojamento Municipal que, segundo um elemento da Câmara, «serão rentabilizados ao máximo».

Os bombeiros concentram-se agora na Calçado do Sacramento e Largo do Carmo, onde tentam controlar o sinistro, para que não chegue à Escola Veiga Beirão.

10.46h - É já a altura do rescaldo. O único foco de incêndio ainda em risco é o quarteirão onde fica a Escola Veiga Beirão. O quartel do Carmo e as ruínas do Carmos cstão salvas do fogo.

Mário Soares afirma: «Vi cenas emocionantes de pessoas que perderam os seus haveres, as suas casas. Felizmente, parece que não há graves acidentes humanos».

11.00h - Os bombeiros pedem agora alimentos, para além de leite. Ouvem-se ainda explosões, possivelmente de botijas de gás.

11.20h - Os bombeiros dizem que, salvo eventualidades imprevísiveis, o sinistro está circunscrito. Rescaldo: 14 feridos e um morto.

11.55h - A escola Veiga beirão não ficou destruída, como se chegou a temer. Está inundada de água, e materiais foram retirados do seu interior. No entanto, está em condições de fuyncionar proximamente.

As viaturas dos bombeiros dirigem-se para a Rua Nova do Almada, onde parece que se reavivam focos de incêndio.

Faculdade de Ciências: o último grande incêndio registado em Lisboa

O ultimo grande incêndio em Lisboa, um que também atingiu duramente o nosso património arquitectónico (não imaginávamos o que hoje aconteceu nem os mais altos responsáveis souberam aprender a lição de então) - esse ultimo grande incêndio foi o do velho edifício da Faculdade de Ciências, na Rua da Escola Politécnica, em Lisboa. Aqui a memória fotográfica dessas chamas de 18 de Março de 1978

O acordar do monólito misterioso.
Todo o poder de uma raça
estranha que decidiu
que a Humanidade
tem, forçosamente,
de desempenhar o seu papel
na evolução de uma galáxia.

NEBULA

Arthur C. Clarke

2061
terceira odisseia

Regresso a um futuro jamais imaginado

Um livro magistral.
Uma visão épica do Universo.

EUROPA-AMERICA ...a memoria no futuro

Grandela e Chiado

DUAS GLÓRIAS DUAS MEMÓRIAS

Os Grandes Armazéns do Grandela foram criados no fim do Século XIX por Francisco Grandela, filho de um médico pobre que trabalhou inicialmente como caixeiro, na Rua dos Fanqueiros.

Francisco Grandela tinha 18 anos quando, em 1876, criou, com dinheiro emprestado, as Lojas Baratas, na Rua da Prata.

Mais tarde, fundou a Loja do Povo, no Rossio e os Armazéns Grandela, inicialmente apenas na Rua do Ouro.

Dois mil duzentos e cinquenta réis foi o montante naquela época envolvido na compra do Grandela.

Francisco Grandela era um fervoroso republicano. Foi um activo lutador pelo direito dos trabalhadores ao descanso semanal, criando o jornal «Domingo» para lutar por esse objectivo, sendo também protector das artes e fundador das revistas «Passatempo» e » A Cidade e os Campos».

Foi um dos impulsionadores do Teatro da Rua dos Condes, construiu em Benfica, um bairro económico a que deu o nome de Afonso Costa, mas ficou conhecido por Bairro Grandela, e fundou o Sanatório de Montachique.

No final da guerra de 1914/18, alguns insucessos financeiros levaram-no a abandonar os negócios, aos 60 anos.

O actual proprietário é Manuel Martins Dias, que adquiriu o Grandela em 1982 a D. António Bandeira, num negócio que, na altura, se disse envolver cerca de 600 mil contos.

Martins Dias possuía já a cadeia Paga-Pouco e era, desde o fim de 1981, sócio maioritário dos Armazéns do Chiado.

Há dois anos falou-se na entrega da gestão dos Armazéns Grandela a uma sociedade em que Martins Dias teria maioria de capital mas com participação de duas organizações comerciais francesas.

Em Abril passado foi anunciado que o Grandela tinha cedido parte do seu espaço (dois andares) à cadeia espanhola de confecções Zara.

Atualmente, parte do edifício estava em obras.

Armazens Grandela

Com a assistencia de muitos convidados, comerciantes e representantes da Imprensa, realizou-se hoje a inauguração oficial das novas instalações dos Armazens Grandela transformados por uma consideravel ampliação e modernização das suas varias galerias e secções.

O acontecimento coincidiu com a abertura da estação de inverno.

Tem de dizer-se antes de mais nada que os Armazens Grandela passaram por uma transformação que é, realmente, notavel, pois oferece agora, mercê delas, um aspecto semelhante ao dos grandes armazens congeneres de Paris e Londres.

Trabalho de tecnica que marca: o acrescentamento feito pelos arquitectos Irmãos Rebelo de Andrade, especialmente nas secções isoladas das salas do rez do chão.

Após uma visita ás novas instalações foi oferecido um Porto de Honra durante o qual o sr. Joaquim Leiria, chefe da secção de propaganda e publicidade, afirmou que os Armazens Grandela continuam sendo os armazens reguladores dos preços da industria nacional, á qual prestam o maior auxilio, facilitando emprego a milhares de pessoas.

Falaram ainda o sr. Julio de Macedo e o nosso colega na Imprensa sr. Armando de Aguiar, que agradeceu as referencias feitas á Imprensa.

Convento e palácio

Recorde-se, por outro lado, que os Grandes Armazéns do Chiado, também destruídos, foram fundados pela família Nunes dos Santos, em 1905.

O edifício, um antigo convento, depois, transformado em Palácio dos Barcelinhos, foi inicialmente arrendado e, seis anos mais tarde, passava a ser os Armazéns do Chiado.

Em Dezembro de 1980, foram adquiridos aos 13 herdeiros da família Nunes dos Santos por Manuel Martins Dias e José Pereira Dias, ligados aos armazéns Paga-Pouco e aos armazéns do Conde Barão, por uma verba da ordem do meio milhão de contos.

Em 22 de Maio de 1986, o edifício dos Armazéns do Chiado foi arrematado, em hasta pública, pela Caixa Económica do Funchal pelo valor de 220 mil contos.

A hasta pública resultou de um processo judicial movido pela própria Caixa Económica do Funchal por falta de pagamento de um empréstimo contraído, em 1982 e que, segundo números divulgados na altura, ascenderia, há dois anos, a cerca de 350 mil contos, com juros.

A empresa atravessava algumas dificuldades económicas e, em Abril deste ano, os trabalhadores dos Armazéns do Chiado denunciaram a existência de salários em atraso.

Armazéns da Baixa

O "IMPÉRIO" QUE RUIU COMO UM BARALHO DE CARTAS

«Grândela» e «Chiado», armazéns da Baixa: um império que ruiu em poucas horas. Um império que há muito se encontrava doente e sobre o qual havia, até esta madrugada, dúvidas quanto à sua sobrevivência. Em poucas horas, os armazéns da Baixa ficaram reduzidos a escombros, a paredes ao alto, como se se tratasse de um baralho de cartas.

Há muito que os Armazéns do Chiado deixaram de honrar as suas dívidas, razão pela qual o seu principal proprietário passou já pelo Tribunal da Boa Hora. Mas não foi por essa razão que Manuel Martins Dias esteve algumas horas, ontem, detido na Polícia Judiciária. O problema era (é) outro, muito embora — curiosamente — seja acusado de fogo posto. É uma história que tem a ver com um outro armazém, «Paga Pouco» se chama, em Tavira. E há também um «Paga Pouco» em Vila Real de Santo António, do mesmo dono...

Mas nem só por suspeita de fogo posto Manuel Martins Dias prestou declarações, ontem, na PJ com dois seus colaboradores que, como ele, vieram a ser postos em liberdade depois de depositarem as respectivas cauções. Sobre este homem de que apresentamos aqui o «retrato» possível, pendem acusações diversas, tais como fuga ao fisco e burla de milhares de contos a uma companhia de seguros.

O «DL» apurou que Manuel Martins Dias exigira uma indemnização de 300 mil contos por um fogo no «Paga Pouco» de Tavira, há cerca de cinco anos, que a principal companhia seguradora — a Mundial Confiança — contestou depois de uma peritagem ao armazém, veio a contrapor-lhe oitenta mil contos, que o principal accionista do «Paga Pouco» aceitou. Na ocasião, apurou ainda o «DL» que a seguradora não tinha intenção de apresentar a queixa na Polícia Judiciária.

Posteriormente, soubemos também que Manuel Martins Dias teria mandado imprimir numa tipografia de S. João da Madeira facturas e livros de contas para burlar a companhia de seguros, fazendo delas constar números, montantes e encomendas que não existiam no «Paga Pouco» de Tavira quando o fogo irrompeu. Fê-lo para fundamentar — como nos disse fonte digna de todo o crédito — o seu pedido de indemnização.

Desconhecia-se esta manhã, face a todos os novos dados entretanto surgidos, qual será a reacção ou nova posição da seguradora acima referida, muito embora haja outras igualmente ligadas ao processo e, sobretudo, abrangidas pelas chamas desta manhã.

Note-se que Manuel Martins Dias é um homem com problemas de vária ordem, desde bancários à própria justiça. Ainda se mantém bem viva a história do litígio que opôs os Armazéns do Chiado à Caixa do Funchal, pondo então em perigo trezentos postos de trabalho que esta manhã desapareceram. Curiosamente, foi um assunto bastante discutido em Julho do ano passado...

Por várias vezes se disse — e escreveu — que os Armazéns do Chiado vinham a ser utilizados pelo seu proprietário para viabilizar outros negócios. As suas práticas comerciais levantaram sempre sérias dúvidas quer junto dos trabalhadores quer da banca.

Em Maio de há dois anos dizia-se que enquanto crescia a fortuna de Manuel Martins Dias a especulação afundava o Chiado e o Grandela. Note-se que em 22 de Maio, o prédio do primeiro daqueles dois grandes armazéns da baixa foi arrematado pelo principal credor da empresa proprietária do estabelecimento, a Caixa Económica do Funchal, pela quantia de 220 mil contos. A hasta pública decorreu no Palácio da Justiça.

Foi um balde de água fria, então, para os seus 354 trabalhadores que, apesar de tudo, haviam acreditado na «palavra de honra» daquele homem, segundo o qual o edifício não iria a hasta pública. Foi o pior de todos os desfechos esperados pelos trabalhadores.

Note-se que na questão do Chiado estava igualmente no espírito de João Claro, accionista da empresa — ainda inscrita como Nunes dos Santos SARL —, que há muito está em rotura com Manuel Martins Dias, ao qual acusa de ter desviado documentos que lhe assegurariam a maioria do capital da sociedade — um caso que está na Relação de Lisboa.

O «Diário de Lisboa» publicou a 27 de Maio de 1986 um artigo da autoria de José António Cerejo, em que se descreve um processo empresarial que tem como centro os Grandes Armazéns do Chiado e o homem que nos últimos anos esteve no centro da sua «ascensão» e queda, nos termos em que se pode ler. Em causa estava, na altura, a hasta pública dos grandes armazéns do Chiado e do Grandella. O fogo que hoje devorou os dois edifícios veio apenas pôr ponto final numa história trágica.

Armazéns da Baixa

Como se fazem e desfazem fortunas em Portugal

A sala de audiências é dominada por uma divisa inscrita na parede, por cima da mesa do juiz: «A justiça protege o homem íntegro.» Para que a ignorância do preceito não aproveite a niguém, ele vai escrito em português corrente e não no latim habitual.

No tribunal realiza-se a hasta pública do edifício dos Grandes Armazéns do Chiado, cuja empresa proprietária deixou de honrar as suas dívidas. A executante - entidade que requere a ida do imóvel à praça para recuperação dos 150 mil contos emprestados - é a Caixa Económica do Funchal, ela própria em maus lençóis e, dizem algumas fontes, já sob controlo de um banco inglês estabelecido em Portugal.

Num outro juizo do Palácio da Justiça de Lisboa - estamos na tarde da quinta feira passada - decorre à mesma hora uma penhora de bens dos Armazens do Grandela, que já viram acontecer o mesmo ao contrato de arrendamento do edifício e a diversos equipamentos.

Desta última acção judicial os trabalhadores do Grandela só tomam conhecimento por alguns deles se dirigirem por engano ao juizo em que ela estava a ser apreciada. Na realidade vinham com os seus colegas do Chiado assistir à hasta pública do velho edifício da Rua do Carmo.

Tal como eles, sentem os seus postos de trabalho em perigo e têm em comum o facto de terem um mesmo 'patrão'. Juntamente com os empregados das lojas Paga Pouco eles são cerca de 1000 a recear o futuro e a interrogarem-se quanto à maneira como se fazem fortunas neste país.

Estes são alguns dos sinais do evidente desmoronamento daquilo que há três ou quatro anos parecia estar a tornar-se num império comercial. Um homem praticamente desconhecido - Manuel Martins Dias -, que até aí tinha subido por mérito próprio, aparece de repente a movimentar milhões de contos e a comprar os maiores estabelecimentos da baixa lisboeta.

Alguns deles há muito que pertencem à hitória da cidade. Ninguém sabe, nem ninguém procura saber, de onde vem o dinheiro, se o homem age por conta própria ou em nome de outrém. Fala-se - como é uso e alibi nestas circunstâncias - em capitais àrabes e do extremo oriente, mas o segredo é a alma do negócio.

A verdade é que Manuel Martins Dias assume em pouco tempo o controlo de casas como o Chiado, o Grandela e a Dinfer. Os estabelecimentos Abel Pereira da Fonseca ficam também sob a sua mira, sem que, no entanto, a transacção se concretize. Entretanto cria a rede de lojas «Paga Pouco» e envolve-se em numerosos negócios em Macau e arredores.

Quanto ao Chiado e ao Grandela, as penhoras e hastas públicas mostram o estado a que ali se chegou.

A Dinfer fechou pura e simplesmente e em seu lugar surgiram o desemprego e as dívidas.

Na Abel Pereira da Fonseca, dizem-nos fontes dessa sociedade, ficaram bem visíveis as marcas da sua passagem: «faltou a tudo quanto se comprometeu, deixou mais de 200 mil contos de prejuizo e pôs em perigo os 600 postos de trabalho da empresa.»

No caso do Paga Pouço os salários estão a ser pagos com atraso e a actividade das lojas já é extremamente reduzida.

Em Macau, as coisas estão complicadas e os litígios multiplicam-se com os seus sócios. Os diferendos com os bancos locais ascendem a mais de 400 mil contos...

Numa primeira fase aliado a José Pereira Dias, dos centros comerciais Barão, e a João Florival Claro, Manuel Martins Dias vai ficando isolado e acumulando contenciosos com os seus ex-sócios. Na sua passagem pela Sociedade Abel Pereira da Fonseca apresenta-se como representante de 11 sócios que, em Cabo Ruivo, nunca ninguém soube quem eram.

Os negócios vão nessa altura de vento em popa e é o tempo das campanhas publicitárias espectaculares, dos saldos sem concorrência, dos temores do comércio tradicional.

É também o tempo áureo da D. Branca, sem que entre as duas situações haja provavelmente qualquer coisa em comum, a não ser a fé no Pai Natal que os portugueses cultivam com orgulho.

Em Elvas, já a caminho da fronteira e das pesetas, aparece um enorme supermercado onde se vende de tudo e em condições imbatíveis. Imbatíveis no preço e na cotação da peseta. Comerciantes da vizinhança diziam-nos há dias que ali se chegava a vender «abaixo do preço de custo e com a peseta a valer mais que no banco e na candonga.»

Os espanhois compravam lá tudo e as «perras» enchiam as caixas. Os fornecedores, esses, ficavam a arder. «Pergunte ao Nabeiro que acusam para aí de tanta coisa quanto é que recebeu do café que lhe vendeu?», desafiava um deles.

O supermercado em questão era (e é) do grupo Paga Pouco e o seu proprietário é Manuel Martins Dias.

Na Abel Pereira da Fonseca, a acusação é idêntica: «vendia abaixo do preço de custo e muitas vezes não pagava aos fornecedores.»

No Grandela e no Chiado, os trabalhadores admitem que «a técnica fosse a mesma.»

Entretanto, na retaguarda, houve que consolidar certas coisas.

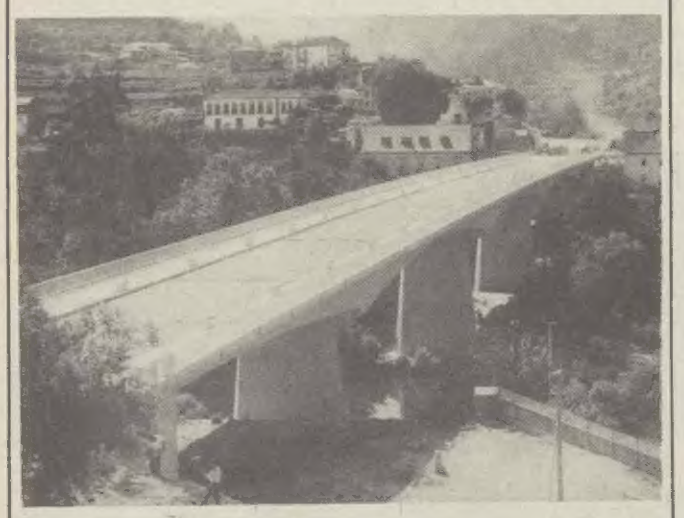
Mudanças na estrutura do grupo de Manuel Martins Dias, com a criação de sucessivas empresas, terão posto a salvo o património acumulado.

Na Quinta dos Cedros, ali junto ao Autódromo do Estoril, ainda não se ouvem os ecos do desmoronar de um império construido num ápice e desfeito quase à mesma velocidade.

Aí vive Manuel Martins Dias.

José António Cerejo

PELAS ESTRADAS DE PORTUGAL



Brisa tem "esperanças" de chegar a Amarante

A Brisa afirma ter esperanças de que a Câmara de Valongo venha a «rever a sua posição» quanto à construção do lanço da auto-estrada conhecido por IP-14, a ligar o Porto a Amarante (na foto).

«A única esperança existente no traçado aprovado pela edilidade valonguense em Maio de 1987, e o que está a ser feito, é de 40 centímetros», revelou Fonseca Neves, gestor na Região Norte daquela empresa pública.

A mesma fonte salientou que o projecto aprovado na generalidade previa que «o perfil tivesse 11 metros de largura e está a ser construído com 10 metros e 60 centímetros».

Ao que referiu «com este perfil, de 10,60 metros, a auto-estrada passará a ter uma capacidade de escoamento de dois mil veículos por hora, o que é excepcional, pelo que não se compreendem as pretensões agora formuladas pela edilidade.»

Fonseca Neves disse «estar convicto de que durante os próximos dias, a Câmara de Valongo e a Brisa deverão encontrar, através do diálogo, uma solução para o problema, pois os trabalhos de construção do lanço da auto-estrada em causa não poderão estar parados por muito mais tempo».

Recorde-se que, tal como noticiámos, a Câmara Municipal de Valongo adiara ontem, à última hora, a demolição do lanço da estrada Águas Santas-Campo, depois de ter recebido um «telex» da Brisa, na qual esta empresa declarava estar decidida a suspender os trabalhos da nova via rápida.

Uma reunião havida posteriormente entre representantes da autarquia e da Brisa levou a que tivesse sido adiado o derrube de uma muralha, denominado o «Muro da Vergonha», que dividiria o concelho em dois, em Susão, caso as obras avançassem.

Acidentes em Agosto: 206 mortos e 110 feridos

Na auto-estrada que liga o Porto a Carvalhos, em Coimbrões ocorreu o embate entre um camião e uma motorizada, tendo sucumbido os dois ocupantes deste último veículo (Alice de Oliveira Gonçalves de 20 anos, natural de Angola, e Adelino Mateus Moreira Gomes, de 29, nascido em S. Pedro da Cova, no concelho de Gondomar).

Em Mourelo, freguesia de S. Vicente da Beira, no distrito de Castelo Branco, colidiram frontalmente um automóvel e um táxi causando a morte de Maria Fernanda de Jesus Miguel, e ferimentos nas suas duas filhas e no taxista.

Entretanto, a Brigada de Trânsito da GNR e a Divisão de Trânsito da PSP já registaram desde o princípio deste mês, nas estradas e nas vias urbanas, 7156 acidentes, de que resultaram 206 mortos e 4811 feridos, 1110 dos quais em estado grave.

Veiga Beirão é ponto de apoio

MANTER O FOGO LONGE DO LARGO DO CARMO ERA OBJECTIVO DOS BOMBEIROS ÀS 10 HORAS

Um graduado dos bombeiros de Lisboa disse hoje de manhã ao «DL», debaixo da chuva provocada pelos jactos de água que tentavam impedir o incêndio de passar para o quarteirão do Grémio Literário, através da Calçada Nova de S. Francisco, que «o prédio onde o incêndio começou estava a arder nas duas fachadas, quando chegou o reforço», indiciando assim a hipótese de fogo posto.

Calçada do Sacramento, Rua do Alimirante Pessanha e Largo do Carmo estavam esta manhã cheios de viaturas e de bombeiros. Às nove horas, a progressão do fogo pela calçada do Sacramento estava mais ou menos controlada» no dizer de um graduado. Funcionários da escola secundária Veiga Beirão retiravam caixas de processos e outros materiais. Começavam a aparecer soldados da GNR carregados de livros de física ou de balanças dos laboratórios, ou transportando simplesmente montes de papeis. Os bombeiros que não estavam no combate directo, ajudavam a retirar o material combustível de dentro do edifício.

As ruas circundantes estavam fechadas à toda a circulação que não fosse de polícia ou bombeiros. Os moradores da zona procuravam (e eram autorizados) a passar para retirar coisas de casa. Duas senhoras de idade estavam calmamente sentadas no poial de uma entrada. A uma vizinha que passava, preocupada uma replicou: «Tenha fé que não há-de acontecer nada; estamos no meio de duas igrejas».

Dois jovens com a noite de amor completamente estragada retiravam de casa próxima a televisão, a aparelhagem sonora e algumas outras pequenas coisas. Ela referiu ao «DL» que fora acordada cerca de sete da manhã, por alguém que batera à porta. «Fui ver quem eraa e não vi ninguém, só um bocado depois me apercebi das explosões, então fiu ver o que era e dei pelo incêndio».

Eles retiravam, apenas as coisas de maior valor, ele com a mesma roupa ainda comque a levara a sair na noite anterior. A conversa decorria quando um deles se apercebeu do destino, irónico, que colocara a conversa sob um edital da Câmara Municipal de Lisboa sobre recuperação de edifícios.

Entretanto, os bombeiros atacavam o fogo na esquina da Calçada do Sacramento com a Rua Garret, impedindo-o de passar ao quarteirão seguinte. Um canhão de água da ANA EP rebentava os vidros e fazia voar algerozes, mas a água acabava-se em poucos minutos.

Na Rua Ivens, a luta era por circunscrever o fogo ao quarteirão formado pela Rua Nova do Almada, Rua Garret e Calçada Nova de S. Francisco, considerado quase completamente perdido, e impedir que ele alastrasse aos quarteirões vizinhos, objectivo que era considerado quase conseguido cerca das 9.45 horas. Como objectivo acessório, mas dificilmente alcançável, tentava-se manter os prédios da Rua Ivens. Proprietários retiravam objectos das suas lojas, desde quadros a roupas. Um deles conseguiu encher toda uma carrinha.

Na Rua Ivens chovia e caiam faúlhas molhadas e bocados de estuque. Automóveis estavam cobertos de caliça.

Os bombeiros tiveram essencialmente dois problemas: a dificuldade de entrada nos edifícios devido à sua construção e à arquitectura interior dos prédios; a falta de água, devido aos problemas de circulação rodoviária e a terem encontrado várias bocas de incêndio que não funcionavam.

Vasco Franco: tomar medidas para recuperar rapidamente a zona

O vereador do pelouro das obras da Câmara Municipal de Lisboa, Vasco Franco, disse esta manhã ao «DL», perto do Largo do Carmo, que «a primeira coisa a fazer é o realojamento de algumas dezenas de pessoas», sobretudo velhos que habitavam nos andares cimeiros dos edifícios.

Aliás, o facto de os edifícios terem os andares intermédios ocupados por armazens e outras actividades terceárias foi um dos motivos da dimensão que o fogo tomou, segundo Vasco Franco, que falou igualmente de «atrasos no início do combate ao fogo».

Quanto às acções a desenvolver imediatamente, o vereador disse que os seu serviços vão montar um gabinete de emergência para inspeccionar a área ardida. Trata-se de «ver quais os edifícios recuperáveis e os não recuperáveis, de verificar a segurança das fachadas de forma a garantir a circulação sem riscos e de fechar os edifícios para que não se tornem focos de insalubridade».

Vasco Franco, que considerou o incêndio desta manhã como «calamidade nacional», disse que o Câmara de Lisboa vai precisar do apoio do governo e sublinhou que atendendo à zona da cidade que é, «não se podem permitir atrasos na recuperação dos edifícios» e devem ser tomadas «medidas de expropriação contra os proprietários que não se mostrarem interessados em recuperar» ou hajam com dilação.

GALP DINAMIC Gasóleo

cisco, conside-
letamente per-
ue ele alastras-
s vizinhos, ob-
considerado
do cerca das
o objectivo a-
ificilmente al-
-se manter os
ivens. Proprie-
objectos das
quadros a rou-
conseguiu en-
rrinha.
ens chovia e
olhadas e boca-
Automóveis es-
e caliça.
tiveram essen-
roblemas: a di-
rada nos ediff-
construção e à
erior dos pré-
gua, devido aos
rculação rodo-
encontrado vá-
êndio que não

zona

a de Lisboa vai
o do governo e
tendendo à zo-
é, «não se po-
asos na recupe-
cios» e devem
nedidas de ex-
ra os proprietá-
mostrarem inte-
uperar» ou ha-

Exército e Força Aérea em estado de alerta total

O Comando Operacional da Força Aérea, às nove e trinta da manhã, tinha já mobilizado três helicópetros «Alouettes» para apoio ao combate ao incêndio da baixa de Lisboa, dentro das medidas de alerta e pedidos de apoio realizados pelas corperações de bombeiros, segundo afirmou ao «DL» o oficial de dia daquele Comando.

Simultaneamente, encontrava-se na Praça do Comércio, désde as cinco e trinta da manhã, um outro helicópetro de maiores dimensões, um «Puma FA-330», pronto a intervir em qualquer situação para que fosse requerido.

Segundo a mesma fonte, os helicópetros destinar-se-iam a realizar eventuais evacuações dos locais afectados pelas chamas, pelo que estão equipados com macas, se bem que até ao meio da manhã, cerca das dez horas, ainda não tivessem sido utilizados para esse efeito.

À mesma hora, o Comando Operacional da Força Aérea tinha também destacado para a Praça do Comércio uma carrinha equipada com um sistema de comunicações e transmissões para apoio das manobras e operações.

Entretanto, na base do Montijo, a Força Aérea timha pronto a avançar um avião para ajuda ao combate do incêndio. «Trata-se de um 'Hércules C-130', um avião geralmente usado no combate a incêndios nas florestas, e que está equipado com os produtos utilizados para o retardamento da propagação das chamas».

O «Hércules» em alerta na base do Montijo encontra-se a cerca de cinco a dez minutos de voo do local do incêndio, afirmou a mesma fonte.

Este aparelho, caso necessário, poderá lançar água ou uma «calda retardante», mistura que é lançada na frente do incêndio para tentar evitar a progressão das chamas, e está apto a realizar voo baixo, ainda que esta não seja uma operação normal, quando utilizado no combate ao fogo nas florestas. O voo do C-130, num caso como este, terá que ser feito a baixa altitude, presumivelmente a cerca de cinquenta metros de altura sobre os obstáculos na zona do incêndio.

Os helicópetros servirão também para operações de reconhecimento da área a arder, afirmou aquela fonte.

No «Hércules C-130» faz-se deslocar uma equipa com «bastante traquejo» no combate a fogo em voo de baixa altitude.

Exército em alerta para qualquer apoio

Também o Estado-Maior do Exército se encontrava, durante a manhã de hoje, em estado de alerta total face aos pedidos de apoio solicitados.

Na dependência do Serviço Nacional de Protecção Civil, os serviços a prestar pelo Exército desenvolverão a sua acção, caso necessário, na área dos transportes e do apoio sanitário, segundo afirmou ao «DL», esta manhã, o chefe interino do Gabinete de Relações Públicas do Estado-Maior do Exército.

«Os fogos nas zonas urbanas exigem uma acção e uma formação muito específicas, em termos do auxílio que pode ser prestado ao seu combate», sublinhou aquela fonte, pelo que «até que seja pedida, caso assim aconteça, a nossa intervenção directa, limitar-nos-emos a ter os nossos serviços em alerta total e prontos a desenvolver a sua acção».

Até quase ao fim da manhã de hoje os auxílios que foram pedidos junto do Estado-Maior do Exército «não tinham grandes especificações, mas apontavam para a operacionalidade dos nossos transportes, sobretudo ambulâncias, e para a disponibilidade das nossas instalações sanitárias, estando todos os nossos hospitais da zona de Lisboa em total alerta».

Para estes locais foram também destacadas equipas de pessoal especializado.

Segundo o chefe interino do Gabinete de Relações Públicas do Estado-Maior do Exército, e resultante dos pedidos realizados pelo Serviço Nacional de Protecção Civil, todos os militares da Região Militar de Lisboa encontravam-se em situação de alerta total e prontos a agir em qualquer emergência.

Serviço Nacional de Protecção Civil de prevenção

O Serviço Nacional de Protecção Civil enviou para o local do incêndio um posto de comando avançado que exerce funções de coordenação no combate ao fogo. Composto por sete elementos o posto avançado auxilia as corporações de bombeiros nos esforços para conterem o sinistro, disse ao DL uma fonte do referido serviço. Estão também em "stand by" os meios aéreos afectos ao SNPC , prontos para entrarem nas operações.

EPAL garante abastecimento reforçado de água ao incêndio

O abastecimento de água à zona do incêndio da baixa lisboeta é até ao momento normal, mas poderá vir a ser reforçado caso o combate ao sinistro assim o exija, disse ao DL uma fonte da EPAL.Segundo a mesma fonte, está no local um piquete reforçado da empresa para prestar assistência aos bombeiros. Entretanto, verificou-se uma rotura nas condutas de água da Rua Augusta provocada pela pressão excessiva. A EPAL garantiu ainda, que o abastecimento aquela zona não deverá ser afectado.

Incêndio destruiu arquivos da Valentim de Carvalho

Todos os arquivos históricos da «Valentim de Carvalho», a mais antiga editora discográfica do país, arderam hoje no incêncio da baixa lisboeta provocando prejuízos incalculáveis.

«Só os arquivos sonoros se salvaram porque tinham sido anteriormente retirados do edifício como medida de precaução contra incêndios», disse à agência Lusa Francisco Vasconcelos, um dos administradores da empresa.

«Ardeu toda a história desta casa centenária, incluindo documentos valiosissimos para a história da música em Portugal», acrescentou Francisco Vasconcelos.

CONCURSO «RÁDIO COMERCIAL» OLIMPÍADAS 88

O Concurso destina-se a todos os indivíduos que enviem pelo correio, sem ser em sobrescrito, para a R.D.P. – Rádio Comercial – Rua Sampaio Pina, 26 em Lisboa, um postal dos CTT no qual colocarão um cupão devidamente preenchido a ser publicado nos Jornais, A CAPITAL, CORREIO DA MANHÃ, DIÁRIO DE LISBOA, DIÁRIO DE NOTÍCIAS, DIÁRIO POPULAR, COMÉRCIO DO PORTO, e JORNAL DE NOTÍCIAS.

Só serão admitidos a concurso os postais que tenham a marca comprovativa de haverem sido enviados através dos CTT e que dêem entrada na Rádio Comercial até ao dia 5 de Setembro de 1988. Os postais serão numerados por ordem de chegada.

O sorteio terá lugar nos estúdios da Rádio Comercial, no dia 8 de Setembro de 1988 pelas 14H30 na presença de um representante do Governo Civil de Lisboa.

O Prémio a atribuir é um automóvel FIAT UNO 45-S, 5 portas stéreo.

A identificação dos concorrentes e premiado será feita através dos postais recebidos, nos quais aqueles indicarão o mome e morada.

O Prémio referido deverá ser reclamado no prazo de 90 dias a contar da data da realização do sorteio, na Rua Sampaio Pina, 26 em Lisboa, de 2.ª a 6.ª das 10 H às 12 H e das 15 H às 18 H.

No caso do Prémio não ser reclamado no prazo devido, o seu valor será atribuído para um estabelecimento de assistência a designar pelo Exm.º Governador Civil.

CONCURSO "Rádio Comercial" OLIMPÍADAS 88

Rádio Comercial

COLE NUM POSTAL DOS CTT E ENVIE PARA:

NOME _____

MORADA _____

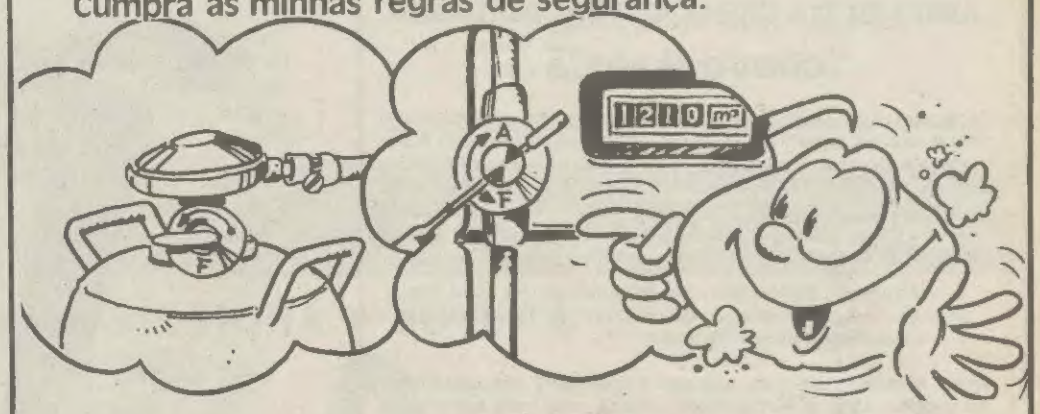
C. POSTAL _____ TELEFONE _____

IDADE _____ PROFISSÃO _____

Rádio Comercial
Rua Sampaio Pina, 26 — 1000 LISBOA

Sempre que se ausentar, não se esqueça,
feche a garrafa de gás ou a torneira do contador.

Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANCA NA UTILIZACÃO DE COMBUSTIVEIS GASOSOS

ERA ASSIM A ZONA DO CHIADO ATÉ ESTA MADRUGADA

A última liquidação

Os Armazéns do Chiado. Tinham no interior um toque de grandeza, quase luxo e espaços e escadas e aqui espelhos e ali pinturas que, só por si, davam prazer

Que com olhos de carne e não de bronze Pessoa tivesse visto o incêndio de hoje e haveria, pela calada da madrugada seguinte, um poema nascendo, algo diferente de "Oh sino da minha aldeia"

ccpinhal
cooperativa de consumo popular pinhalnovense, c.r.l.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

De acordo com o Art.º 24 dos Estatutos e em conformidade com o Art.º42, ponto 3 do Código Cooperativo, convoco a Assembleia Geral da Coopinhal – Cooperativa Consumo Popular Pinhalnovense, CRL, para reunir em sessão extraordinária, no próximo dia 2 de Setembro de 1988 pelas 20.30 horas, no Auditório da Cooperativa, sua sede social com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Aquisição de terreno para implantação de nova loja;
2 — Apreciação e votação da proposta da Direcção para a exclusão de um cooperador;

Nota: Se à hora marcada não estiver presente o número legal de cooperadores a Assembleia reunirá uma hora mais tarde com qualquer número de presenças.

Pinhal Novo, 16 de Agosto de 1988
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Osvaldo da Silva Dias

Afinal parceiros sociais tinham razão

CADILHE ADMITE INFLAÇÃO DE 6 POR CENTO SÓ PARA 1989

A subida «imprevisível e inesperada» dos preços das matérias primas e do dólar levou a que a previsão inicial da meta da inflação para este ano não venha a ser atingida, afirmou ontem Miguel Cadilhe.

O ministro das Finanças, entrevistado no programa «Clube de Imprensa», da RTP, considerou que a inflação externa verificada nos primeiros meses do ano «não ajudou» a «pequena economia aberta» de Portugal.

Cadilhe citou o caso dos outros «pequenos países» da OCDE, em que a previsão inicial da inflação está «posta de lado», prevendo-se agora resultados 1,5 ou 2 pontos percentuais acima do inicialmente fixado, prevendo para 1989 a inflação que fora programada para 1987.

Assim, para os próximos tempos, o ministro das Finanças defendeu a necessidade da taxa de inflação baixar ainda mais, se bem que a um compasso cada vez mais lento, adiantando que, em 1989, seria desejável que ela se situasse à roda dos 6 a 6,5 por cento, para que em 1990 esteja próxima dos níveis actualmente praticados na generalidade dos países comunitários.

Apesar disso, o ministro das Finanças mostrou-se satisfeito com os resultados alcançados, na medida em que o «grande objectivo da desinflação» foi alcançado, e se «quebrou a fatalidade das taxas acima dos 20 por cento».

EM)«Estamos no bom caminho para as metas da CEE», afirmou aquele membro do Governo, que acrescentou que «no final do ano estaremos um ou dois por cento abaixo dos valores de Dezembro de 1987, que por sua vez tinham sido melhores que os resultados de 1986».

Para o Governo seria «fácil colocar o nível da inflação nos quatro ou cinco por cento», prosseguiu Miguel Cadilhe, mas isso só se tornaria viável à custa do emprego, um dos objectivos prioritários na política do Governo.

A taxa de desemprego a nível baixo, assim como o aumento dos salários reais, foram apontados como causas da pressão elevada da procura interna, pelo maior consumo das famílias e maior investimento.

Movimento de Defesa do Contribuinte vai intervir no caso da Caixa Faialense

O Movimento Nacional de Defesa dos Contribuintes (MDC) vai intervir no processo que emigrantes portugueses em França e Canadá accionaram contra a Caixa Económica Faialense (CEF), revelou ontem, o presidente desta associação.

Silva Pereira acrescentou que o MDC realiza, hoje uma conferência de Imprensa em Lisboa, com a presença de representantes das Comissões de Emigrantes em França e no Canadá, para dar a conhecer «todos os factos» relativos à falta de pagamento dos depósitos daquela instituição bancária, e que ascendem a cerca de 1 milhão de contos.

Cálculos elaborados pelo comité dos lesados da Caixa Faialense de Toronto, Canadá, refere que as dívidas aos emigrantes canadianos ascendem a 700 000 contos, enquanto os emigrantes franceses se queixam da falta de pagamento de depósitos avaliados em 320 000 contos.

«O MDC apoia veementemente a justíssima luta dos depositantes da CEF, pedindo para que o Governo obrigue os responsáveis da CEF a assumir os compromissos que criaram», disse Silva Pereira.

Assim, na opinião do MDC, «para pagamento imediato aos depositantes do dinheiro e respectivos juros, e bom nome da banca portuguesa, o Estado deverá mandar executar as garantias e hipotecas, bem como mandar acelerar os processos em curso, a fim de que justiça seja feita, punindo-se os culpados e assumir-se como estado de direito e pessoa de bem que é».

Silva Pereira salientou que o comité canadiano dos lesados da CEF anunciou estar a preparar uma exposição a dirigir ao governo canadiano pedindo que interfira junto do Governo português, tendo em vista o «rápido pagamento daquilo que nos é devido».

Silva Pereira especificou que esta questão da CEF constitui «pedra de toque» na confiança dos emigrantes portugueses no envio de remessas.

«No período de 1971 a 1987, durante 17 anos, o défice da balança comercial de importação e exportação atingiu um total de 3779,9 milhões de contos, enquanto as remessas dos emigrantes totalizaram, no mesmo período, 2663,5 milhões de contos, de que resultou uma taxa de cobertura de 70,6 por cento», frisou.

A história da Caixa Económica Faialense conta-se em poucas palavras: a sua liquidação, por falência, em Novembro de 1986, constituiu o primeiro processo de falência de uma instituição bancária em Portugal desde 1976.

A decisão pôs termo a um período de indefinição de vários meses, em que os balcões da CEF no estrangeiro anunciaram aos clientes que estava «com problemas conjunturais».

As irregularidades da CEF foram tornadas públicas em Setembro de 1986, altura em que um suinicultor de Torres Vedras e accionista da CEF denunciou ao Banco de Portugal situações irregulares que ali se verificavam.

O suinicultor em questão, Vila Nova dos Santos Anselmo, comunicou ao Banco de Portugal que estava a fazer circular cheques pessoais como forma de garantir o pagamento dos cheques da CEF na câmara de compensação do banco central.

Entretanto, em Julho do mesmo ano, o presidente do conselho de administração da CEF e seu principal accionista, Duque Neto, auto-suspendeu-se do cargo alegando dificuldades na caixa.

O «buraco» financeiro da CEF assenta em irregularidades, primeiro de funcionários, que pagaram «cheques a descoberto» no valor de dezenas de milhares de contos e que, por isso, foram incriminados judicialmente, mas também por financiamentos irregulares do próprio presidente do conselho de administração.

Duque Neto é acusado de, sem conhecimento dos restantes membros do conselho de administração, ter concedido crédito num valor aproximado de meio milhão de contos a empresas a que está associado.

Mesmo assim, a administração tentou manter a normalidade da situação para evitar uma corrida aos depósitos, o que não conseguiu, imediatamente a seguir, no dia 12 de Agosto, foi forçada a suspender todos os pagamentos.

Preço da cortiça pode aumentar

O Instituto dos Produtos Florestais prevê uma subida dos preços da cortiça, na ordem de 30 por cento relativamente ao ano transacto, em consequência do tempo chuvoso sentido em Maio e Junho.

O relatório de conjuntura daquele Instituto revela ainda que o arranque da campanha de extração da cortiça se iniciou cerca de três semanas depois da altura normal.

Em algumas regiões dificilmente serão extraídas as quantidades previstas, dado o ritmo ideal da campanha só ter sido atingido em princípios de Julho.

A totalidade de cortiça amadia a extrair, de acordo com os elementos disponíveis dos últimos anos, deverá ser cerca de nove milhões de arrobas.

As transacções de cortiça «pegada à árvore» não foram afectadas, por se realizarem vários meses antes da extracção, ao contrário das transacções de cortiças extraídas, que estão consideravelmente atrasadas.

Accionistas da Torralta processam empresa

Um grupo de pequenos investidores da Torralta da zona de Peniche está disposto a processar aquela empresa se os responsáveis não cumprirem as promessas que lhes foram feitas.

«Nós não queremos afundar a Torralta porque se o fizermos seremos os primeiros a perder, mas queremos que vejam a situação de muitas pessoas que investiram na empresa as suas economias e que até hoje não receberam um tostão», disse José Maria Antunes, porta-voz da comissão dos investidores da Torralta.

Segundo José Maria Antunes, o que aquele grupo pretende é que a Torralta divida os lucros pelos 27 mil accionistas e, por outro lado, que as acções entrem na Bolsa «de uma vez por todas».

«Todos nós temos na mão uma montanha de papéis muito bonitos mas que não valem nada enquanto as acções da Torralta não forem cotadas na Bolsa», acrescentou.

Macau exportou 276 milhões para Espanha

Macau exportou para Espanha, nos primeiros sete meses deste ano, produtos no valor de 276 milhões de pesetas, ou seja, mais 57,7 por cento do que no mesmo período de 1987, informou hoje, em Madrid, a Direcção-Geral de Alfândegas.

Por seu turno, a Espanha exportou para Macau produtos no valor de 49 milhões de pesetas, o que representa uma diminuição de 6 por cento em relação aos primeiros sete meses de 1987.

Em Julho de 1988, as trocas comerciais bilaterais baixaram ligeiramente, uma vez que Macau exportou apenas produtos no valor de 36 milhões de pesetas, contra 56 milhões no mesmo mês de 1987, e a Espanha vendeu produtos avaliados em 8 milhões de pesetas, contra 10 milhões.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49$40	55$40
ALEMANHA FED. (marco)	80$45	81$65
ÁUSTRIA (xelim)	11$45	11$65
BÉLGICA (franco)	3$644	3$894
BRASIL (cruzado)	$256	$456
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	124$00	127$00
(notas de 5 a 1000)	125$50	127$50
DINAMARCA (coroa)	21$00	21$40
ESPANHA (peseta)	1$196	1$316
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	153$30	156$80
(notas de 5 a 1000)	153$80	157$30
FINLÂNDIA (marka)	34$15	34$75
FRANÇA (franco)	23$70	24$40
HOLANDA (florim)	71$25	72$35
IRLANDA (libra)	217$00	221$00
ITÁLIA (lira)	$099	$114
JAPÃO (iene)	1$106	1$161
NORUEGA (coroa)	22$00	22$50
REINO UNIDO (libra)	259$05	263$55
SUÉCIA (coroa)	23$50	24$00
SUÍÇA (franco)	95$60	97$10
VENEZUELA (bolívar)	3$723	4$723

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

métel métel métel

PRONTO-A-VESTIR • HOMEM • SENHORA • JUVENIL

SALDA

VESTIDOS • SAIAS • BLUSAS • TAILLEURS • T-SHIRTS • BLUSÕES • FATOS • CAMISAS • CASACOS • CAMISETES • CALÇAS, ETC.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 8-D — ☎ 32 76 60 (ACEITAM-SE CARTÕES DE CRÉDITO)

Criada uma Comissão de Controlo e Quadros

VOTO SECRETO EXCEPCIONAL E ESTATUTOS MAIS RÍGIDOS

Voto secreto apenas nas assembleias ou plenários que entenderem adoptá-lo mas manutenção do princípio de que «as votações devem realizar-se de braço no ar, conforme com a tradição democrática do partido», foi a solução aprovada pelo CC do PCP para a eleição dos delegados ao congresso, conforme anunciou ontem Álvaro Cunhal ao dar, em termos gerais, os resultados da reunião daquele orgão dirigente dos comunistas.

Obtida na sequência de contactos prévios entre a direcção e alguns responsáveis regionais do partido mais hostis a alegadas «cedências aos fraccionistas», a solução do voto secreto excepcional (em relação ao funcionamento do congresso serão os próprios delegados a decidir) permitiu uma reunião mais pacífica do CC que, todavia, agravou substancialmente os Estatutos no tocante a questões de ordem disciplinar, visando, tudo o indica, os renovadores do PCP.

Alterações aos estatutos visam «fraccionistas»

Os Estatutos, que pela primeira vez, e de forma elogiativa, definem e articulam a qualidade e actividade dos funcionários do partido (base principal de apoio à actual direcção) incluirão uma norma que estabelece o direito dos militantes sobre quem impendem eventuais sanções de «serem ouvidos e de se defenderem antes de qualquer decisão» (o que não aconteceu com Zita Seabra, suspensa de funções antes de ser ouvida).

Entretanto, e para além de tipificarem os casos de «fraccionismo», os Estatutos vão ter um novo artigo (dirigido claramente aos autarcas e deputados conotados com os renovadores) que obriga os eleitos do PCP a «terem sempre o seu mandato à disposição do partido». Curiosamente, aquando da cisao AD-DI no PSD, a direcção do PCP criticou a disposição semelhante imposta por Sá Carneiro aos deputados do seu partido, considerando-a atentória da liberdade de pensamento e acção dos parlamentares.

As alterações estatutárias, alvo no CC das críticas de elementos da ala renovadora, «particularizam» ainda o acesso à qualidade de membros do partido e estabelecem a suspensão de militantes de tarefas por prazo a determinar em cada momento.

Tal como o «DL» ontem previa, foi criada uma comissão de fiscalização, designada Comissão Central de Controlo e Quadros, que integrará alguns dirigentes mais idosos e «cujas competências fundamentais - referiu Cunhal aos jornalistas - serão acompanhar as questões de quadros, constituir uma instância de recurso em matéria disciplinar e administrar o património e exercer o controlo financeiro do partido».

Relativamente ao Programa, já aprovado em linhas gerais no CC de Julho último, o consenso foi, segundo apurou o «DL», geral, com intervenções elogiativas de alguns dirigentes renovadores.

Intercalares e Reforma Agrária

Álvaro Cunhal referiu, por outro lado, que o CC deverá aprovar uma nota sobre a situação política que analisará as eleições autárquicas intercalares do passado dia 21 que, segundo disse, parece confirmar que o PSD «deixou de contar com o apoio e os votos de numerosos eleitores», e a aprovação da «lei do latifúndio». Tal como o «DL» já previra, o PCP está a estudar uma iniciativa do seu Grupo Parlamentar no sentido de requerer a fiscalização da constitucionalidade da lei.

Outro ponto da referida nota respeitará à lei sobre as limitações à propaganda política que Cunhal frisou tratar-se de «um grave atentado e limitação às liberdades e direitos dos partidos políticos e dos cidadãos na linha da actuação antidemocrática do Governo».

E. A.

Manuel Fernandes Tomás retorna à Figueira da Foz

O mentor da Revolução liberal de 1820 e um dos obreiros da primeira Constituição portuguesa, Manuel Fernandes Tomás, voltou ontem à sua terra natal. Os restos mortais do político foram transladados do Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, para um mausoléu na Praça 8 de Maio, na Figueira da Foz. O presidente da República, Mário Soares presidiu às cerimónias de homenagem aquela personalidade, promovidas pela Câmara Municipal de Figueira da Foz e pela Associação Manuel Fernandes Tomás.

Esta cidade junto da Foz do Rio Mondego recebeu o presidente da República por volta do meio dia . Coube à Escola Prática de Serviços de Transportes realizar as honras militares, enquanto uma uma multidão de figueirenses se aglomerava junto dos Paços do Concelho para avistar o presidente da República

Depois de passar revista às tropas, Mário Soares deslocou-se para o Salão Nobre da Câmara, uma sala pequena para tanta gente presente nas cerimónias. O Coral David Sousa abriu a sessão cantando o hino nacional.

Henrique Tomás Veiga, presidente da Associação Manuel Fernandes Tomás, tomou a palavra, afirmando que «com as presentes comemorações pretende-se homenagear todos os figueirenses que lutaram pela prepetuação das ideias de Fernandes Tomás».

Henrique Veiga referiu, entre outros, Amélia F. Tomás Galves, Cristina Torres, Rafael Sampaio, que segundo ele «em todos os 24 de Agosto corajosamente davam a cara ao público e o corpo à prisão para defenderem o pensamento daquele político». O presidente da Associação estabeleceu imediatamente um paralelo com Mário Soares, considerando-o «uma personalidade na vanguarda da defesa das liberdades» Pelo que a Associação decidiu homenagea-lo também, tornando-o Sócio Honorário daquela organização.

Por seu lado´, o presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz, Manuel Alfredo Aguiar de Carvalho, começou por traçar o perfil da situação desta zona, lançando algumas críticas à Administração Central: os sucessivos adiamentos das obras inscritas no PIDAC e a falta de estabelecimentos de ensino superior, entre estes a Escola de Hotelaria e Turísmo, que segundo as suas palavras, «foi retirada há seis anos, sem que, entretanto, tivesse sido edificada».

Referiu dois assuntos que reputou de extrema importância para o Concelho. O primeiro prende-se com o aproveitamento das potêncialidades naturais, agrícolas, turísticas, industriais e comerciais do Rio Mondego, visando uma melhoria das condições de operacionalidade e de equipamento do Porto. «Todo este conjunto de actividade conduz a uma urgência na elaboração do Plano Integrado do Estuário», disse aquele socialista.

O outro assunto disse respeito ao processo de Regionalização, «cujo atraso pode ter consequências nefastas na aproximação dos padrões de vida europeus que procuramos atingir», frisou. Afirmando que o Concelho dispõe de óptimos indicadores económicos, o presidente da Câmara salientou a importância da condição humana dos figueirenses para a modernidade, projectando-se na figura de Manuel Fernandes Tomás.

«O seu exemplo na contribuição pessoal à Revolução de Agosto de 1820 e ao seu ideário e à sua postura, o seu posicionamento moral como servidor do Estado, devem constituir um paradigma para os que encontram na actividade política um meio de expressão e intervenção», frisou.

O presidente da República, com um discurso improvisado, começou por fazer uma resanha histórica da vida e da personalidade de Fernandes Tomás, considerando-o «símbolo da liberdade em Portugal». Mário Soares congratulou-se por estar na História, faz uma breve intervenção de dez minutos para exaltar mais uma vez as qualidades de democrata de Fernandes Tomás. A multidão que cerca a Praça já se encontrava alí desde cedo, ansiosa por ver duas figuras «tão importantes da vida nacional».

A Praça 8 de Maio foi especialmente arranjada para esta cerimónia. Uma obra que orçou mais de dez mil contos permitiu construir não só mausoléu, como um espelho de água com 16 repuchos, que pode ser desligado servindo ao mesmo tempo de palco para diferentes actividades culturais.

Nuno Oliveira, arquitecto responsável pela obra, explica que «se respeitou o anterior traçado da Praça, mas com o espírito de ampliar as zonas de permanência e de lazer, criando um espaço polivalente».

Desde fotógrafias, passando pelos documentos da época, até à primeira página da «Gazeta da Figueira» e o «Hymno da revolução 1820», tudo se encontra naquele museu. A propósito dos desenhos efectuados sobre esferovite, por Arlindo Jorge da Silva, de 13 anos, e alusivos a Fernandes Tomás e à sua época, o presidente da República fez uma das suas graças...

Na altura que elogia Arlindo Silva- que realmente mereceu pela qualidade dos trabalhos, pouco comum naquela idade- estava presente Azeredo Perdigão. Mário Soares pede ao director da Gulbenkian para dar uma Bolsa de Estudo de Desenho e Pintura ao jovem artísta.

Azeredo Perdigão sente-se atrapalhado. O presidente insiste:«Dê-lhe lá a Bolsa!» Feitas as contas ainda falta a idade a Arlindo Silva para ter acesso aquela benecê da Fundação. Daí o presidente concluí, com o ar descontraído que o caracteriza, que «logo se verá...»

Inserido nas comemorações realizou-se ainda ontem à noite um Cortejo Histórico e um Espectáculo de Luz e Som evocando a vida e obra do grande defensor da liberdade, que nasceu a 30 de Junho de 1771 e faleceu a 19 de Novembro de 1822. O seu nome e os acontecimentos a que esteve ligado encontramos um pouco por toda a cidade: Rua da República, Rua Dez de Agosto e Rua Fernandes Tomás são apenas alguns apontamentos

«Há condições para que a cidade se torne um pólo de desenvolvimento de Portugal», concluiu Mário Soares, considerando a futura Via Rápida até Vilar Formoso como um centro de penetração na Espanha e um dos pólos de progresso da região.

Da mesa de Honra ainda faziam parte o Governador civil de Coimbra, Carlos Loureiro, o vice-reitor da Universidade de Coimbra, Jorge Veiga e o Comandante Militar da Região Centro. Entre as personalidades civis e militares presentes destacava-se o director da Fundação Calouste Gulbenkian e a esposa, Azeredo e Madalena Perdigão.

Uma Praça polivalente

Os restos mortais do «Patriarca da Liberdade portuguesa», foram transportados de seguida para a Praça 8 de Maio. O presidente da República integrou-se no cortejo e os membros da Associação Manuel Fernandes Tomás deposeram a urna num mausoléu, defronte da estátua que ali lhe foi erigida. Estátua que simboliza bem «o homem de energia e de intransigência com os princípios da liberdade», pois a figura recriada é toda ela movimento e firmeza de pose.

Mário Soares coloca flores no túmulo. José Almeida Santos, membro da Academia de Figueira da foz, cidade onde disse ter várias ligações.

Das férias quando criança, passou às relações de amizade com duas famílias de republicanos . «Além disso, a Figueira da Foz durante os anos difíceis da ditadura foi sempre um centro de resistência e de liberdade, que tem profundas raízes nesta terra», disse .

Evocando o primeiro Governo constitucional, do qual foi primeiro-ministro, o chefe de Estado disse ter sido nesta altura que se produziram as maiores obras da região: regulação de todo o Vale do Mondego, a edificação da Ponte sobre o Rio Mondego e as obras do grande Porto da Figueira da Foz.

Exposição comemorativa

Aproveitando a deslocação para homenagear o grande constitucionalista, Mário Soares observou as obras da Marginal Oceânica da Figueira da Foz, projecto de grande envergadura co-financiado pelo Fundo de Desenvolvimento Regional (FEDER).

Orçado em 213 mil contos, a Marginal terá uma rede viária de 2 mil metros de comprimento, balneários e um colector emissário de esgotos e estação elevatória para tratamento das águas. A última fase das obras estará concluída no próximo ano.

Após o almoço no casino da Figueira da Foz, Mário Soares deslocou-se para a Biblioteca Pedro Fernandes Tomás, onde foi inaugurada a Exposição subordinada ao tema «Manuel Fernandes Tomás e o Vintismo». O objectivo da exposição é «abarcar na sua globalidade, a trajectória de Manuel Fernandes Tomás, pelo documentar das suas vivências e das personagens que com ele foram protagonistas de factos insignes na trama da história».

Repressão nas ruas de Santiago. Ao fim de 15 anos, o governo de Augusto Pinochet decidiu levantar o estado de excepção em vigor desde o golpe que em 1973 levou o ditador ao poder

LEVANTADO O ESTADO DE EXCEPÇÃO NO CHILE

O governo militar do Chile anunciou, quarta-feira, o levantamento do estado de excepção no país, seis semanas antes de um plebiscito que decidirá a continuidade ou não do regime militar. A decisão governamnetal foi comunicada pelo ministro do Interior, Sergio Fernandez, sendo levantado o estado de emergência que fornecia ao executivo poderes adicionais na restrição das liberdades cívicas.

«A decisão baseia-se na actual situação do país e na renovada e sólida estrutura institucional estabelecida», afirmou Fernandez.

O estado de emergência, que se encontrava em vigor praticamente desde o golpe militar que em 1973 levou Augusto Pinochet ao poder, fornecioa ao governo poderes para a restrição do direito de reunião e informação. Permitia também às autoridades deter por 20 dias qualquer pessoa sem prévio julgamento e exilar no estrangeiro adversários do regime, sem apelo.

Dirigentes políticos, sindicais e religiosos no Chile receberam com satisfação e optimismo a decisão do governo militar de levantar o estado de excepção no país.

Irão-Iraque: negociações directas em Genebra

Representantes dos governos de Teerão e Bagdad começam hoje em genebra conversações directas para pôr fim ao conflito de oito anos no golfo Pérsico. As conversações são mediadas pelo secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, que afirmou que estas se poderão arrastar por vários meses ou até mesmo anos.

As conversações directas começam cinco dias depois de ter entrado em vigor um cessar-fogo na guerra Irão-Iraque.

Perez de Cuellar teve esta manhã reuniões separadas com os chefes das duas delegações, os ministros dos Negócios Estrangeiros do Irão, Ali Akbar Velayati ,e do Iraque, Tariq Aziz. Para hoje à tarde está marcada a primeira reunião conjunta das duas delegações.

Em entrevista ao jornal «Le Monde», Perez de Cuellar afirmou que as conversações poderão prolongar-se por muito tempo, a não ser que haja uma «verdadeira» vontade política das duas partes em pôr termo ao conflito.

Tanto o Irão como o Iraque acusam-se agora mu-tuamente de violações ao cessar-fogo, mas Perez de Cuellar mostra-se confiante na continuidade das tréguas. «Até agora congratulo-me por o cessar-fogo ter sido observado pelos dois lados», afirmou.

Fontes curdas disseram, entretanto, que o exército iraquiano está a concentrar forças para uma grande ofensiva contra os rebeldes curdos no intuito de esmagar a guerrilha que luta pela independência da zona nordeste do Iraque.

Conversações de paz para Angola prosseguem hoje em Genebra

África do Sul, Angola e Cuba prosseguem hoje as negociações para a paz em Angola e a independência da Namíbia, ocupando a agenda com os debate dos prazos de retirada das tropas cubanas de Angola.

«As negociações de quarta-feira foram extensas e pormenorizadas», afirmou à saída da reunião o chefe da delegação sul-africana, Neil Van Heerden.

Diplomatas presentes em Brazzaville afirmaram que o início das negociações decorreu de um modo positivo. As mesmas fontes consideram que estas se podem prolongar para além dos três dias previstos.

A reunião é mediada pelo secretário de Estado adjunto para os Assuntos Africanos, Chester Crocker. No encontro participa também o subsecretário das Nações Unidas encarregado da questão namibiana, Marti Ahtisaari.

Jornalistas soviéticos contra invasão de Praga

Jornalistas soviéticos pediram ontem que nunca se repita a invasão da Checoslováquia liderada pela União Soviética e afirmaram o direito de cada nação a escolher a sua via política.

Numa debate transcrito pelo semanário «Notícias de Moscovo» sobre a invasão da Checoslováquia, na noite de 20 para 21 de Agosto de 1968, seis antigos correspondentes em Praga de orgãos de comunicação social soviéticos concordaram que se pode tirar lições importantes para o presente do ocorrido há 20 anos.

«Não podemos permitir a emergência da noção perigosa de que a força militar pode resolver os problemas políticos de outra nação», disse Mikhail Polyakov, da revista «Problemas da Paz e do Socialismo». «A história não perdoa os maus passos», acrescentou.

O seu colega Vladimir Lukin disse que nenhuma situação pode justificar que uma nação socialista assuma o direito de tomar decisões que competem a outra.

Outro jornalista, Alexander Didusenko, do jornal sindical «Trud», lembrou a confusão em que os checos ficaram quando na noite de 20 para 21 de Agosto de 1968 viram os tanques e ouviram os aviões do Pacto de Varsóvia.

«Ninguém precebia o que se passava. Ainda dias antes os líderes soviético e checo, Brejnev e Dubcek, se abraçavam em Bratislava», contou.

A invasão, com cerca de 600.000 soldados do Pacto de Varsóvia a ocuparem a Checoslováquia, acabou com a tentativa de Dubcek de construir um «socialismo de rosto humano».

Muitos analistas comparam hoje a «Primavera de Praga» ao programa de reformas actualmente em curso na União Soviética.

Mas a política oficial do Kremlin sobre o assunto-definida a semana passada pela TASS- mantem que a invasão da Checoslováquia foi necessária para impedir que forças anti-socialistas tomassem o poder.

Novos protestos em Nagorno

Milhares de manifestantes exigiram ontem no enclave de Nagorno-Karabakh, a sua anexação à Repúblcia da Arménia.

Rádio Moscovo informou que os membros do Parlamento de Stepanakert, capital do enclave, acusaram as autoridades regionais de adiar a implementação do novo plano delineado pelo Kremlin para a região.

Greves atingem siderurgia e fecham maior porto polaco

Trabalhadores polacos fecharam ontem, em Szczecin, a última secção do maior porto do país, enquanto as greves atingiam a siderurgia e era condenada a actuação da polícia sobre os operários em luta.

No compelxo siderurgico de Nowa Huta, cerca de mil trabalhadores pararam ontem à tarde a sua actividade. O porto de Gdansk paralisou ontem totalmente a sua actividade.

A polícia de choque ordenou, entretanto, a retirada dos piquetes de greve de duas minas do sul do país, onde foram detidas pelo menos sete pessoas. O mesmo aconteceu num terminal ferroviário em Szczecin.

Os trabalhadores regressaram entretanto ao trabalho em cinco minas de carvão, enquanto eram convocadas novas greves para os estaleiros Lenine.

Numa mina de Jastrzebie, sudoeste do país, cerca de 500 grevistas continuam a ocupar a exploração erguendo barricadas debaixo do solo.

Um helicóptero sobrevoou a mina enquanto um comboio de 103 veículos policiais se deslocou para o local transportando canhões de água e efectivos armados.

Ciclismo: Circuito da Malveira

Organizado pelo Atlético Clube da Malveira, realiza-se no próximo domingo a 47.ª edição do Circuito da Malveira com a seguinte programa: 10 horas: 1.º Grande Prémio Túlio Pereira na categoria de juniores, que se realiza nas ruas da vila; 13h.: 47.º Circuito Ciclista da Malveira, com a presença de todas as equipas nacionais que participaram na 50.ª Volta a Portugal em bicicleta; 15h.: Provas de Pista no Campo das Seixas; 17.30 h.; Jogo de Futebol (Seniores); CF «Os Belenenses» e SCU Torreense.

Hóquei em patins: I Taça Ibérica

Portugal vai participar na I Taça Ibérica de hóquei em patins, nas categorias de escolas, infantis e juvenis, que se disputa na cidade de La Coruña de 7 a 15 de Setembro, coincidindo com o campeonato do Mundo da modalidade.

Nesta primeira Taça Ibérica participam 160 rapazes espanhóis e portugueses, que actuarão sob a direcção técnica de Andres Carames, treinador do Liceo/Caixa Galícia, actual campeão da Europa, com a colaboração de alguns dos melhores jogadores mundiais.

Na categoria de escolas defrontam-se o San Dnoia, campeão de Espanha, a Académica da Amadora, campeão de Portugal, e o Liceo Caixa, campeão da Galiza.

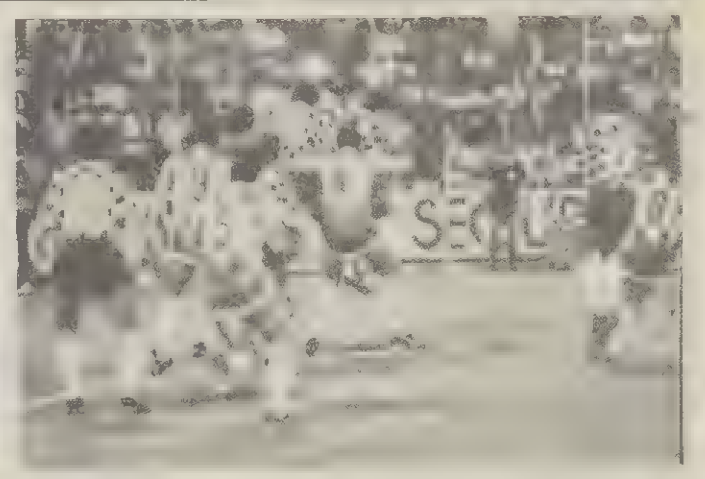
Em infantis competirão o Igualada, campeão de Espanha, o FC Porto, campeão de Portugal, e o Liceo Caixa, vice-campeão da Galiza.

Motocrosse: campeonato europeu

Seis dezenas de pilotos nacionais e estrangeiros inscreveram-se para a final do campeonato europeu de motocrosse, categoria de 125 centímetros cúbicos, que se realiza em Algezur no próximo fim-de-semana.

A prova tem lugar na pista internacional de Vale da Telha, estando programados os treinos para o dia 27 e a final, que a RTP transmitirá em directo, para o dia seguinte, a partir das 15 horas.

Os pilotos concorrentes são oriundos de 12 países europeus, designadamente Portugal, Espanha, França, Itália, Bélgica, Suíça, Holanda e Finlândia.



FC Porto, 0- Boavista, 0

BOA VISTA DE PEPE E SEGURANÇA BELGA

A boa organização defensiva do Boavista e a falta de pontaria dos avançados do FC Porto foram responsáveis pelo empate nulo (0-0) no embate entre portistas e axadrezados em jogo da primeira ronda do nacional de futebol.

Num jogo competitivo e recheado de emotividade, a equipa das Antas atacou durante 90 minutos, mas não conseguiu ultrapassar o bem organizado sistema táctico contrário, deparando com muitas dificuldades de penetração.

A equipa do Bessa apresentou-se com um sistema defensivo altamente eficiente, utilizando dois trincos (Jorge Silva e Paulito), tentando privilegiar o contra-ataque, normalmente protagonizado por Jorge Andrade e Isaías.

O FC Porto, detentor do título, poderia ter inaugurado o marcador logo aos quatro minutos, quando na sequência de uma jogada envolvente João Pinto cruzou para o centro da área, onde apareceu Sousa a rematar por cima da barra.

O Boavista reagiu e aos seis minutos Isaías criou perigo para a baliza de Mlynarczyk, através de um forte remate de fora da área, que passou muito perto da barra.

Esta foi a única oportunidade do Boavista, pois a partir deste momento o seu adversário usufruiu de um ininterrupto domínio territorial.

Aos 11 minutos, na marcação de um livre directo, Sousa levou a bola a embater ainda na base do poste esquerdo da baliza à guarda de Hubart.

O FC Porto continuou sempre a atacar, mas a disciplina táctica dos axadrezados inviabilizou a materialização deste ascendente dos azuis-e-brancos.

A entrada de Rui Águas, aos 52 minutos, para o lugar de Raudnei, veio trazer ainda maior intencionalidade ao ataque portista. O FC Porto passou a optar, então, por sucessivos cruzamentos para a área e aos 67 minutos, o ex-benfiquista cabeceou com perigo, levando a bola a rasar o poste direito da baliza do Boavista.

Aos 77 minutos, após a marcação de um pontapé de canto, o zairense Kongolo cabeceou forte, mas a bola embateu na trave.

Este lance funcionou como um tónico para os portistas, que aumentaram a agressividade ofensiva e continuaram a criar perigo, apesar de se registar a falta de discernimento nas suas jogadas de ataque.

O resultado final acabou por ser injusto para o FC Porto, atendendo ao vendaval de futebol ofensivo praticado ao longo dos 90 minutos, mas também serviu de prémio ao labor defensivo dos boavisteiros.

Notas de destaque: segurança do «keeper» belga Hubert que se cotou como o melhor elemento em campo. Ele completou o esquema implantado pelo técnico Pepe que mostrou (uma vez mais) ter boa visão de ordem táctica do jogo; quanto aos companheiros de Hubart, todos rubricaram alta cotação com excepção para Frederico que destoou (pela negativa) dos companheiros; sobre os portistas apenas Bandeirinha, André e Kongolo estiveram ao nível das suas reconhecidas capacidades.

Vítor Correia foi o árbitro e como sempre, teve uma actuação impecável.

As equipas alinharam:

FC PORTO: Mlynarczyk; João Pinto, Lima Pereira (Kongolo, 24), Eduardo Luís e Inácio; Jaime Magalhães, Bandeirinha, André e Sousa; Gomes e Raudnei (Rui Águas, 52).

BOAVISTA: Hubart; Jaime, Valério, Frederico (Adão, 56) e Marcos António; Paulito, Jorge Silva, Isaías (Monteiro, 69) e Parente; Casaca e Jorge Andrade.

Acção disciplinar: amarelo para Marcos António (65) e Jaime.

Valdo e Ricardo já cá estão

Tal como o «DL» informou na edição de ontem, confirmou-se a vinda dos futebolistas Valdo e Ricardo que se haviam deslocado ao Brasil e que muitos duvidavam que regressassem a Portugal antes da realização dos Jogos Olímpicos, uma vez que a Confederação Brasileira de Desportos os mandara apresentar no local onde os seus companheiros se encontram em estágio.

Manuel Barbosa (o conhecido empresário que tornou possível a transferência daqueles futebolistas e de Lima) não perdeu tempo, viajou prontamente para o Brasil e mercê da facilidade com que manobra junto das instâncias oficiais brasileiras, desbloqueou (para já) a situação e chegou à Portela (viajando na Iberia) acompanhado dos dois «desejados».

A presença dos futebolistas brasileiros Valdo e Ricardo na Olimpíada de Seul só será possível caso o seleccionador «canarinho», Carlos Alberto Silva, aceite as condições do Benfica, afirmou em Lisboa Valdo.

«**Só irei a Seul se Carlos Alberto Silva aceitar a proposta de viajarmos após o jogo com o Montpellier**», adiantou Valdo à chegada a Lisboa, proveniente do Rio de Janeiro, via Madrid.

Na companhia de Manuel Barbosa, empresário ao serviço do Benfica, e do presidente do clube, João Santos, Valdo afiançou que que se trata de um regresso definitivo. «**Estava muito cansado e fui ao Brasil com o objectivo de descansar e não de me apresentar na selecção**», disse Valdo.

Ricardo Gomes Raimundo foi ao Brasil «**ver a família**» e à chegada a Lisboa não escondeu que o Benfica lhe «ordenara o regresso a Lisboa». «**A vontade de qualquer atleta é jogar pela selecção do seu país, mas tenho igualmente de pensar nas minhas obrigações profissionais**», adiantou.

Ricardo mostrou-se convicto de que não será afectado psicologicamente e, tal como Valdo, manifestou interesse em acelerar a sua integração no plantel do Benfica.

Valdo e Ricardo foram convocados para a selecção olímpica brasileira, mas Benfica e Confederação Brasileira de Futebol não chegaram a acordo quanto à cedência dos jogadores, dado que o clube português exige que os futebolistas disputem a primeira eliminatória da Taça UEFA (7 Setembro e 5 de Outubro).

Futebol por aí fora

Particulares

Encontros de carácter particular: Suíça, 0-Jugoslávia, 2 e França, 1-Checoslováquia, 1.

Atenção, portugueses

O Ajax, adversário do Sporting na «Taça UEFA», alcançou a 1.ª vitória na jornada n.º 2 do campeonato holandês, enquanto o Roda JC (rival do Guimarães na «Taça das Taças») empatou em casa sem golos. O Ajax, que se mostra um adversário difícil para os «leões», goleou no seu campo o Veendam por 4-0, tendo o Roda JC empatado no seu ambiente (0-0) frente ao Volendam. Ajax e Roda somam ambos dois pontos, tendo o primeiro um «goal-average» de 5-2 e o segundo clube um total de 2-2 no conjunto dos dois jogos efectuados. O Pec Zwolle é o «líder» isolado da prova, com quatro pontos.

Informação COMERCIAL

Passeio de Barco a Tróia

Dia 3 de Setembro de 1988

Saída de Lisboa (Terreiro do Paço), às 07-00 horas e chegada provável a Tróia ás 11-00 horas.

Paragem de 04-00 horas para Banho e Almoço.

Partida provável de Tróia às 15-00 horas.

Chegada provável a Lisboa (Terreiro do Paço) 19-00 horas.

Preço por pessoa 3 000$00 (três mil escudos).

Venha viajar connosco e aprecie a beleza da nossa Costa num calmo Passeio de Barco.

Contacte-nos e marque já o seu lugar pois a lotação é limitada.

Direcção Comercial
Serviço Comercial do Tráfego Suburbano
Av. da República, n.º 66
1000 Lisboa
Telefone 73 16 33

Caminhos de Ferro Portugueses

Lembram-se dele?

Ao balcão de «O Lusitano», em Bruxelas (Bélgica), pode rever-se, entre a mulher e o filho (Alain, que joga futebol em «Os Lusitanos») um antigo atleta do Farense que, ao lado de Realito, fez furor no futebol algarvio. Exactamente: Fernando Queimado, que armava jogo mas também não perdoava o «tiro» último à baliza dos contrários. Na sua casa (o restaurante de muitos portugueses na capital belga), Queimado faz questão de receber optimamente as visitas (caso de Ribeiro Cristóvão, da RTP e da Rádio Renascença) ou a família Sustelo (o António cantor, a professora Lurdes ou a menina Irina). Enfim: é (com certeza) uma casa portuguesa em Bruxelas. Onde o futebol é conversa constante.

NA SUA AGENDA

Atletismo em Montargil

Organizado pela Junta de Freguesia de Montargil e do Grupo de Promoção Sociocultural daquela localidade, vão realizar-se no próximo sábado diversas provas de atletismo destinadas a atletas de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 7 e os 17 anos.

Basquetebol: Ginásio Figueirense apresenta equipa

Terá lugar amanhã, pelas 18 horas, no Casino da Figueira da Foz a sessão de apresentação da equipa de basquetebol do Ginásio Figueirense.

Sporting, 6-Recife, 0

ÁRBITRO COROOU VITÓRIA LEONINA

Num jogo tranquilo, em que o Sporting teve a seu inteiro favor a actuação do árbitro Jorge Coroado (que autorizou dois golos dos «leões» em condições irregulares) a turma brasileira do Santa Cruz do Recife, que tem estado no nosso país fazendo diversos jogos particulares, baqueou por margem insofismável: 6-0 mas (repete-se) porque o juiz lisboeta desconheceu as faltas que procederam os 1.º e 3.º tentos dos homens de Alvalade e acabaria por expulsar um jogador do Recife (Ramon) por protestar, com muita legitimidade, o golo três do grupo português.

Ao intervalo a equipa leonina vencia por 3-0, com golos de Cascavel (aos 6 e 25 minutos) e de Eskilson, aos 16. Os restantes tentos dos donos da casa foram apontados por Litos (58 minutos), Forbs (62) e Douglas (87).

Tratou-se de um encontro em que o Sporting se superiorizou ao adversário do primeiro ao último minuto. De resto o Santa Cruz apresentou em Alvalade uma equipa exausta, dado que este era o seu sexto jogo nos 14 dias de estada que leva em Portugal. Deste modo os golos surgiram naturalmente e, uma vez reduzido a 10 unidades (com a expulsão de Ramon) o Santa Cruz tornou-se numa presa fácil, que o Sporting derrotou copiosamente e sem grande esforço.

Cascavel: dois golos

Para além da influente acção de Jorge Coroado (talvez na pior exibição da sua carreira) haverá destaques (estes, positivos) para Silas, Eskilson, Paulinho Cascavel e Damas, enquanto nos forasteiros somente o médio Gilson ultrapassou a vulgaridade.

Sob a arbitragem de Jorge Coroado (de Lisboa) que mostrou o cartão amarelo a Banana (6 minutos) e Fernando Mendes (60 m) e cartão vermelho a Ramon (25 m), as equipas alinharam:

Sporting: Damas (Vital, 68 m), Ferrinho (Portela, 58 m), Miguel, Venâncio e Fernando Mendes (Lima, 68 m); Silas (Maside, 45 m), Douglas, Litos e Mário Jorge; Eskilson (João Luís II, 74 m) e Paulinho Cascavel (Forbs, 45 m).

Santa Cruz do Recife: Banana; Leandro, Orlando, Alexandre e Lotti; Gatanoce, Gersinho, Cardim e Ramon; Sérgio (Almir, 63 m) e Gilson (Rinaldo, 45 m).

Vela: "europeu" em Tróia

José Miguel Cunha, ocupando a 31.ª posição da tabela geral, é o português melhor classificado, após a quarta regata do XI Campeonato Europeu de Vela (classe Dart 18), a decorrer nas águas de Tróia. O alemão-federal Peter Halbig foi o vencedor da 4.ª regata, seguido do holandês Kees Jonker e do sul-africano Corrie Taljaard. O britânico Peter Edge e o francês Jean Marie Marteau ocuparam os lugares imediatos na regata. O italiano Michel Madonesi lidera a classificação global, seguido do britânico Kim Furniss.

Este campeonato europeu de vela (classe Dart 18) tem organização da Associação Portuguesa de Catamarans e Clube Náutico de Tróia, sob o patrocínio da Carlsberg.

Microscópio

Casa do Belenenses de Queluz dinamiza actividade desportiva

A Casa de «Os Belenenses» de Queluz vai promover intensa actividade desportiva na próxima temporada com destaque para a ginástica (educativa, de formação, pré-desportiva e de manutenção), luta olímpica, minibasquetebol e karaté-Do.

Como objectivo principal desta iniciativa de «os Belenenses» de Queluz, situa-se a preocupação da melhor ocupação dos tempos livres por parte da juventude radicada naquela zona habitacional.

Caso N'Dinga prossegue

Académica insiste: "transferência foi fraudulenta"

A direcção da Académica considerou, em comunicado, que declarações recentes sobre o «Caso N'Dinga» do secretário-geral da Federação Zairense de Futebol **«não têm qualquer valor ou significado»**.

Para os dirigentes do clube, **«a farta e valiosa documentação existente»**, aliada **«ao momento e à mão pela qual o senhor Djate Nkoy veio a Portugal»**, justificam a desvalorização atribuída.

Afirmando ter a Fezafa e o seu secretário-geral, em 1 de Junho último, considerado **«fraudulenta»** a transferência de N'Dinga para o Vitória de Guimarães, manifesta a direcção da Académica a sua estranheza por **«a escassos dias da reunião do conselho de justiça, vir a Portugal o senhor Nkoy, dizer que tudo estava legal neste processo»**.

A direcção da colectividade coimbrã critica ainda a Federação Portuguesa de Futebol por, **«num processo confiado aos órgãos jurisdicionais, se permitir receber o senhor Nkoy e o Vitória de Guimarães, ignorando e afastando a Académica»**.

A Académica reafirma que **«a questão fulcral do processo reside no certificado internacional, que a Fezafa e o seu secretário-geral já declararam por escrito ser falso»** e que o presidente do Vitória de Guimarães já confirmou publicamente ter entrado fora do prazo legal».

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 35/88 DE 28 DE AGOSTO DE 1988

Penalti: 221 111 112 1212; O Jornal de Amarante: 221 111 11X 1112; Jornal da Beira: 221 X11 111 1X12; Correio de Coimbra: 221 1X1 112 11X1; Correio do Vouga: 221 111 11X 1211; A Defesa: 22X 111 XX2 1X11; Defesa de Espinho: 211 111 1XX X21X; Folha do Domingo: 221 111 1X2 111X; Ecos de Cacia: 22X 111 1X1 111X; Eu Sei Tudo: 221 111 1X1 XXX2; O Jornal de Felgueiras: 221 111 1X1 11XX; Jornal de Gaia: X21 1X1 1X1 X2XX; RDP/Rádio Guarda: 2X1 1X1 21X 12X1; Rádio Totobola: 221 111 112 X1X2; Linhas de Elvas: 211 1X1 11X 11X1; O Jornal da Lixa: 221 111 11X 11X1; Maria da Fonte: 221 111 11X 1112; O Mensageiro: 221 1X1 XX1 11XX; No Estúdio e no Estádio: 221 111 11X 12XX; Notícias de Chaves: 221 X11 112 1XX1; Notícias de Felgueiras: 221 111 1X1 11XX; Notícias de Gouveia: 2X1 1X1 112 111X; Notícias de Guimarães: 221 111 1XX 121X; A Ordem: 2X1 1X1 112 12X2; Notícias de Viana, 222 1X1 1XX 12XX; Reconquista: 221 111 112 1X12; Informação Desportiva/R. Altitude: 22X 111 1X1 1XX2; Bom Dia: 22X 111 1XX 1111; Manhã, Manhã/R. Comercial: 221 1X1 11X 11X2; Secção Desportiva/R. Comercial: 221 111 1X1 1X22; Tempo de Desporto: 221 1X1 111 11X2; Fora de Jogo: XX1 111 111 1X11; Sais de Banho: 2X1 1X1 1XX XX1X; Rádio Contacto/RDP Centro: 221 111 1X2 1212; Sintonia Desportiva: 2X1 1X1 1XX XXX2; Fotogramas: 221 111 1X2 121X; Bola ao Centro: X21 1X1 112 XX12; Programa da Manhã/RDP Centro: 2X1 111 1XX 1211; Cor do Som: XX1 1X1 1X2 XXXX; Anoitecendo: X21 111 112 1XX2; Jornal de Santo Thyrso: 2X1 1X1 1X2 121X; A Voz do Domingo: 2X1 111 111 111X; Voz de Lamego: 221 1X1 11X 11X2; Desporto/RDP-Rádio Guarda: X2X 211 12X 1111; Quatro Linhas: 221 111 112 XX12; Contacto/RDP-Rádio Guarda: 221 1X1 11X 112X; Encontro com a Manhã: 221 121 111 1XX2; Convidámos para Lanchar: 112 XX1 1X2 2111; Sons da Madrugada: 221 111 X11 1122; Disco & Daquilo: 221 1X1 1XX 12X2; Tarde Desportiva: X21 X11 1X1 1212; Livre e Directo: 2X1 1X1 112 1222; Desporto Regional: 211 111 1X1 X2X2; Diário de Coimbra: 221 111 111 1211; Diário de Lisboa: X21 111 111 X2X1; Diário de Viseu: 221 1X1 1X1 1112; Gazeta das Caldas: 221 111 11X 1X12; Jornal da Graça: 221 1X1 11X XXX1; Jornal de Notícias: 22X 1X1 1XX 1X12; Notícias de Viseu: 22X 1X1 1X1 1XX2; RR/Desporto: 221 111 111 XX11; Bola Branca: 221 XXX XXX 2X1X; Frent Desportiva: 221 111 111 X2X1; A Voz dos Ridículos: 211 111 111 1211; Alvo Desportivo: XX1 111 11X 1111; Rádio Alvo: 221 1X1 XX2 1XX2; Alvo: XX1 111 111 1211; Alvo Suplemento: 221 1X1 1XX 111X; O Comércio de Leixões: 221 111 21X 1X12; De Tudo Um Pouco: 221 111 11X 1XX2.

assim vai o

totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1 Penafiel-Porto	1	10	59	1	1	10
2. Espinho-Benfica	5	13	52	1	2	9
3. Nacional-Famalicão	61	7	2	10	1	1
4. Setúbal-Chaves	64	5	1	10	1	.
5. E. Amadora-Braga	42	27	1	7	4	1
6 Sporting-Beira-Mar	79	1	0	11	1	1
7 Boavista-Leixões	63	5	2	10	1	1
8 Portimonense-Farense	38	31	1	6	5	1
9. A. Viseu-Maritimo	24	27	19	4	5	3
10. Colónia-Karlsruher	54	14	2	9	2	1
11 Hannover-B. Leverkusen	24	24	22	4	4	4
12 B Dortmund-B M'Gladbach	36	30	4	6	5	1
13. W Mannheim-W Bremen	20	19	31	3	3	6

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa

A "CHAVE" LÓGICA SERA:
221 111 11X 11 ou X12

Sartre condena invasão da Checoslováquia

Numa entrevista que Jean-Paul Sartre, actualmente em Roma, concedeu ao «Paese Sera», jornal de tendência comunista, o escritor francês «condena sem reservas» a invasão da Checoslováquia e afirma que os aliados do Pacto de Varsóvia acabam de perpetrar «um crime de guerra».

«Faço parte do tribunal internacional fundado por Bertrand Russel», continuou Sartre. «Não sei que decisão tomaremos, mas acho que se trata de uma verdadeira agressão, do que em direito internacional se chama um crime de guerra.»

Quando o interlocutor objectou que os americanos fazem mais vítimas no Vietname do que oos russos na Checoslováquia, Sartre respondeu: É verdade, a agressão no Vietnam é um genocídio ignóbil. Mas isso não diminui a gravidade da atitude que os soviéticos quiseram tomar em relação à Checoslováquia. Este gesto é ainda mais grave por ter sido cometido contra um país aliado e por violar todas as leis da soberania nacional.»

«É por respeitar profundamente a História da União Soviética, concluiu Sartre, é por não ser de forma nenhum anticomunista, que me sinto no dever de condenar sem reservas a invasão da Checoslováquia.»

Cancelado O Festival de Veneza

O festival de cinema foi cancelado hoje e o seu director Luigi Chiarini, demitiu-se, bem como o júri internacional, presidido pelo escritor italiano Guido Piovene — anuncia-se em círculos autorizados.

Acrescenta-se que a direcção do festival está a redigir um comunicado sobre o cancelamento.

Centenas de polícias intervieram para impedir cenas de violência entre os manifestantes contra o festival e aqueles que pretendiam que não fosse cancelado.

Protesto japonês contra a explosão da bomba H

Um informador oficial do Ministério japonês dos Negócios Estrangeiros, Naraichi Fujiyama, declarou que «lamentava muito» a primeira explosão termonuclear francesa do Atol de Muroroa.

Fujiyama recordou, por outro lado, ao governo francês, que o seu país só tinha protestado contra as experiências atómicas visto que foi o único país no mundo a sofrer os horrores da guerra nuclear.

EFEMÉRIDES

1580 — As forças fiéis a D. António Prior do Crato são derrotadas pelo Exército espanhol, comandado pelo Duque de Alba, na batalha de Alcântara

1624 — O missionário português padre Miguel de Carvalho é queimado vivo em Omura (Japão).

1718 — Emigrantes franceses fundam a cidade de Nova Orleans, na Louisiana (Estados Unidos).

1742 — Morre em Lisboa o compositor Carlos Seixas.

1770 — Pinhel é elevada a cidade por alvará de D. José I.

1825 — É proclamada a independência do Uruguai.

1875 — É fundada a Associação dos Bombeiros Voluntários do Porto.

1918 — Nasce o maestro e compositor norte-americano Leonard Bernstein.

1944 — Libertação de Paris da ocupação nazi, durante a Segunda Guerra Mundial. À frente das tropas aliadas, entra na cidade a Segunda Divisão Francesa, comandada pelo general Leclerc.

1948 — Kim Il Sung proclama a República Democrática da Coreia.

1960 — O Partido Comunista da União Soviética condena o dogmatismo de Mao Tse Tung

1967 — George Lincoln Rockwell, líder do partido nazi americano, é morto a tiro em Arlington, Virginia

1976 — O primeiro-ministro francês Jacques Chirac é substituído por Raymond Barre

1981 — Pinto Balsemão é indigitado pelo presidente da República para Primeiro-Ministro do oitavo governo

1984 — O escritor Truman Capote, um dos maiores romancistas contemporâneos norte-americanos, falece em Los Angeles, aos 59 anos.

Os sete militantes «sikhs» que se tinham apoderado, na véspera, de um aparelho comercial indiano, dirigindo-se depois para o Dubai, Emiratos Árabes Unidos, libertaram os 79 passageiros e seis tripulantes e entregaram-se às autoridades dos ERU, com a promessa de serem levados para os Estados Unidos

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Mín	Prec	As 13 h.
Bragança	12	11	0,0	P. nub.
V. Castelo	15	15	0,0	P. nub.
Vila Real	16	16	0,0	P. nub.
Porto	13	13	0,0	Neblina
Coimbra	14	13	0,0	Nevoeiro
C. Carvoeiro	16	16	0,0	Nevoeiro
C. Branco	20	20	0,0	P. nub
Portalegre	24	23	0,0	Limpo
Lisboa	18	18	0,0	Neblina
Évora	16	15	0,0	P. nub.
Beja	17	15	0,0	P. nub.
Faro	22	22	0,0	Limpo
Sagres	19	18	0,0	Limpo
P. Delgada	23	23	0,0	M. nub
Funchal	19	19	0,0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 29, Porto 24, Faro 30, Ponta Delgada 29, Funchal 28.

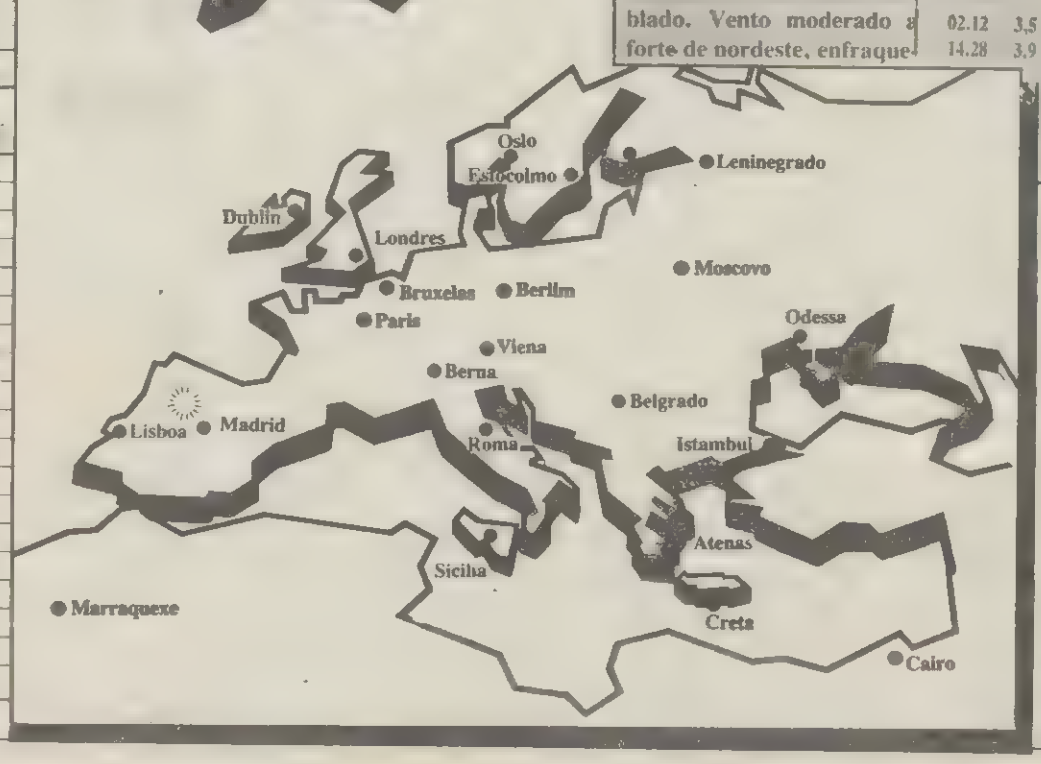
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 6 h	Mín	As 18 h.
Madrid	13	13	Limpo
Londres	10	9	Pouco nub.
Paris	12	12	Aguaceiros
Bruxelas	11	11	Pouco nub.
Amesterdão	14	13	Aguaceiros
Genebra	14	14	Aguaceiros
Roma	18	17	Pouco nub.
Oslo	12	10	Muito nub.
Copenhaga	15	14	Neblina
Estocolmo	13	10	Pouco nub.
Berlim	14	14	Muito nub.
Viena	12	11	Muito nub.
Varsóvia	12	7	Pouco nub.
Atenas	26	24	Limpo
Moscovo	23	16	Trovoada

NO MUNDO

	Mín.	Máx.	As 13 h.
Caracas	17	26	Chuva
Joanesburgo	7	22	Limpo
Los Angeles	16	25	Nublado
Montreal	12	22	Nublado
Nova Deli	24	28	Nublado
Nova Iorque	16	25	Limpo
R. de Janeiro	15	31	Nublado
S. Francisco	14	21	Nublado
São Paulo			
Toquio	25	31	Limpo



TEMPO

HOJE

No Continente:

Todo o território: Céu limpo ou pouco nublado. Vento geralmente fraco de nordeste, soprando em regime de nortada moderada no litoral oeste durante a tarde. Nevoeiros matinais na faixa costeira a norte do cabo da Roca.

Estado do mar: Costa Ocidental: Mar de pequena vaga a cavado e ondulação noroeste com dois metros e encrespado ou de pequena vaga com ondulação inferior a um metro na costa sul.

Nos Açores:

Grupo Ocidental: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco.

Estado do mar: Mar encrespado. Ondulação oeste de 1 a 2 metros.

Grupos Central e Oriental: Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco a moderado de nordeste.

Estado do mar: Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação noroeste com 1 a 2 metros.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado a forte de nordeste, enfraquecendo ao longo do dia.

Estado do mar: Costa Norte: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de norte de 2 a 3 metros.

Costa Sul: Mar encrespado. Ondulação inferior a 1 metro.

Funchal: Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco.

AMANHÃ

Céu geralmente limpo, apresentando-se, no entanto, muito nublado ou com nevoeiro pela madrugada e manhã na faixa costeira a norte do cabo da Roca. Vento em geral fraco, soprando em regime de nortada moderada no litoral à sul do cabo Mondego.

DEPOIS

Ceu pouco nublado, apresentando-se muito nublado no litoral oeste durante a madrugada e manhã. Vento geralmente fraco. Neblinas e nevoeiros matinais.

MARES

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
01.14	3,2 m	06.54	1,6 m
13.34	3,5 m	19.31	1,2 m

Amanhã

02.12	3,5 m	07.50	1,3 m
14.28	3,9 m	20.22	0,9 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

Soares felicita Siza Vieira

O Presidente da República felicitou o arquitecto Álvaro Joaquim Siza Vieira por ter ganho a medalha de ouro da Fundação finlandesa Alvar Aato.

No telegrama enviado ao arquitecto Siza Vieira, Mário Soares afirma querer «felicitá-lo muito calorosamente» e acrescenta que «esta distinção vem confirmar a consagração internacional da sua obra num reconhecimento que muito honra Portugal».

A medalha de ouro da Fundação Alvar Aato é considerada uma espécie de «Nobel» da arquitectura e foi atribuída apenas seis vezes a arquitectos de renome mundial.

Esta condecoração foi atribuída a Siza Vieira pelo conjunto da sua obra que, no estrangeiro, conta com a ampliação do casino de Wincler, na Áustria, a reconstrução do bairro judeu, em Veneza, e com a recuperação do bairro de Kreuzberg, em Berlim.

Em Portugal, Siza Vieira é responsável, entre outras obras, pelo complexo habitacional da Malagueira, em Évora, pelos projectos SAAL e pela casa de chá da Boa Nova, em Leça da Palmeira.

Sintra

Mercado do Teatro

Trocar, expor ou/e vender livros, revistas, programas, cartazes, fotografias, recortes, adereços, etc., relacionados com o teatro é o objectivo do I Mercado de Teatro em Sintra, que se realizará em Outubro, numa organização conjunta do Chão de Oliva, Associação Cultural, e do Palácio Nacional de Sintra.

A todos os interessados, em participar — coleccionadores, editoras, alfarrabistas, grupos de teatro, ou outros —, será facultado um espaço nas arcadas do Palácio Nacional, de molde a puderem realizar a actividade a que se propõem.

As inscrições — ou mais informações — podem ser solicitadas, por escrito, à: Comissão Organizadora, Travessa do Rio, 5, Lourel, 2710 Sintra.

Folclore ganha prémio

O grupo regional de Pampilhosa do Botão/Danças e Cantares do Certoma foi distinguido com o 1.º prémio no X Festival Internacional de Folclore de Chateauneuf-du-Faou, França.

Participaram neste festival grupos folclóricos da França, Espanha, Itália, Grécia, Turquia, Hungria, Colômbia e Bulgária, além da representação portuguesa.

CRÓNICA DE TOUROS

NOMES QUE FICAM

Solilóquio

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 11 de Agosto de 1988. Touros de Simão Malta para Paulo Caetano, Joaquim Bastinhas, Rui Salvador e forcados de diversos grupos (cabo Simão Comenda).

Mais uma corrida à portuguesa, no Campo Pequeno. Desta vez, pretexto foi ser organizada em homenagem à memória de João Francisco de Almeida Moreira, jornalista que foi mola de impulso de sucessivas edições da corrida anual da Televisão, todas elas à portuguesa. Apesar do festejo ser transmitido em directo, a praça registou uma boa entrada, com os três quartos cumpridos; além de emigrantes e turistas havia também bastantes indígenas, dispostos a divertirem-se, diversão incluindo no final a girândola do lançamento de almofadas para a arena, e não por motivo de bronca, não eram lançadas contra ninguém, toureiro ou inteligente, eram apenas um espontâneo sinal de júbilo, para despedida, de gente atreita a tirar partido de todas as coisas, a fazer vista grossa a exigências, de ferros à estribeira, até de touros que sejam touros.

Bem sei que é chover no molhado. Mas esta de touros que sejam mesmo touros é contudo, deve ser, uma exigência mínima para a tourada portuguesa poder ganhar emoção, já difícil com touros embolados, mais difícil se realmente nem touros forem. Para ser touro, disso não restam dúvidas, é preciso que o animal tenha no mínimo quatro anos, além dos outros requisitos de que escreveu Ortega y Gasset: «touro não significa qualquer macho bovino, mas sim precisamente o macho bovino que tem quatro ou cinco anos e do qual se reclama que tenha estas três virtudes: casta, poder e pés. Se não tem quatro anos não é touro, é novilho ou bezerro.» Ora do curro de Simão Malta, corrido esta noite no Campo Pequeno, mansote, de arrancadas frouxas, com tendência a buscar tábuas, mas em regra deixando-se tourear, acontece que era o número cinco aquele que se lia na espádua dos animais onde tal marca aparecia visível: indicação pois de nascimento em 1985. Portanto, de terem três anos. Por consequência, como diria o grande filósofo espanhol, e dirão os aficionados, de não serem touros, mas sim novilhos. Desculpem se repito o que já várias vezes escrevi: anunciar touros e soltar novilhos é dar gato por lebre. E não vale o argumento de que o pagode não repara, não protesta, gato ou lebre tanto lhe faz. Quando o intrujado não repara na intrujice, nem por isso deixa de ser intrujado, nem mais desculpa merece quem intruja.

Adiante. Ante um tal género, digamos, pouco comunicativo, não se encontraram os três cavaleiros em disposição para grandes emotivos alardes: para além dos aplausos fáceis, ficaram-se pelo assim-assim, por uma mediania que louros não lhes acrescentou. Paulo Caetano bregou em contraída força, cravou diversas vezes aliviado, sem prescindir das cambiadas, já se sabe que é raro não darem em pescaria, às vezes o ferro acaba sendo à garupa. Momento vibrante foi um curto no primeiro da noite, depois de o levar com o cavalo a ladear separou-se para o cite em curto, entrou com ganas pela cara do touro, infelizmente suposto touro. Bastinhas não exibiu em pleno a costumada centelha; empregou-se nalguns ferros, mas só no final das lides acendeu verdadeiramente a alegria do povo, quando fechou cada uma delas com um par a duas mãos, sorte que pratica com raro desafogo, e que no segundo da noite teve mérito acrescentado, pois estava o inimigo na querença natural, e foi a sesgo que Bastinhas o obrigou a tomar as farpas. E Rui Salvador começou apontando bem três compridos, mas depois andou pelo regular, uns furos abaixo da sua última actuação nesta praça, o brilho só alcançado nos dois curtos finais ao que fechou praça, entrando de frente, arriscando, partindo a forçar o bruto a sair das tábuas, saindo por dentro, pelo espaço problemático que com sua decisão abrira.

Quanto aos forcados, decididos estiveram, e também coesos, como se não fossem um conjunto heterogéneo reunido para esta noite, em intenção ao homenageado, uns no activo e outros retirados, pertencentes aos vários grupos que pegaram em corridas da Televisão, Montemor, Lisboa, Ribatejo, Vila Franca, Moita e Lusitanos, ausente só o de Santarém. A pega mais rija de todas, um espectáculo, foi a do Carlos Teles, cigano e de Vila Franca, no quarto da ordem; mas também os restantes se fecharam seguros, até acabar com a pega do Fernando Hilário, que fechou a corrida consumando uma cara com a segurança dos tempos de cabo dos Lusitanos.

E como nos seus bons tempos esteve aquele que esta noite saiu na chefia dos forcados, Simão Comenda. A ocasional chefia não a tomou como missão honorífica, nem para pretexto de dar sentenças de dentro da trincheira, cabo é para dirigir e também para intervir: e nas seis pegas saltou à arena, a cumprir no ofício de rabejador em que seu nome deixou famoso, e em que neste retorno deu recital. Ofício que Simão Comenda seis vezes repetiu. Sem uma falha. Na oportuna e felina certeza com que, mal caído na cabeça o forcado da cara, o rabo do touro alcança, agarrado a ficar, a presa já não larga. No poder concentrado com que ajuda primeiro a suster o ímpedo dos derrotes, antes de fazer quedar-se o touro para que da cabeça saia o moço. Na maneira como, retirado o grupo, sozinho se adorna, provocando o círculo das hastes que o buscam sem proveito. E por fim no remate, soltando o touro para a saída limpa, pela cara, o braço levantado, pausado o andar. Simões Comenda: reviveu nesta noite, esse nome que fica para a história dos forçados.

Nomes que ficam. No minuto de silêncio guardado a meio das cortesias, à lembrança do homenageado da noite juntou-se a de José Falcão. 11 de Agosto. Cumpriam-se pois precisamente catorze anos desde que, na arena de Barcelona, o touro «Cuchareto» pôs fim à carreira desse matador de touros, de touros de verdade, que a duras penas abria caminho, jazia respeitado o seu valor sem trampa, de legionário do toureio para quem cada tarde era como se fosse uma batalha decisiva, nela jogava a vida, vestido de ouro, do ouro da fortuna que lhe não sorriu.

Recuperação do moinho de Odiáxere

A recuperação e animação cultural de um Moinho de Vento de Odiáxere é um dos projectos concorrentes aos Prémios de Conservação da Natureza e do Património Histórico-Cultural, um programa organizado pelas Secretarias de Estado da Cultura e do Ambiente, com o apoio da Ford Lusitana.

O Moinho de Vento é datado da primeira metade do Século XIX, e é um monumento que possui como partes intactas o corpo e a base central. O projecto visa recuperar o corpo central, a porta de entrada e a janela superior, bem como o antigo sistema mecânico de manipulação dos mastros. A recuperação do Moinho é tida como possível uma vez que a zona circundante não apresenta sinais de degradação e esse espaço poderá ser vedado com o intuito de preservar o respectivo património histórico-cultural.

Odiáxere é uma freguesia que remonta ao Século XV e tem, precisamente, como ponto de referência histórico-cultural o Moinho de Vento que outrora possuiu uma função social importante, na medida em que constituía o ponto de encontro das gentes vizinhas. Em seu redor desenvolvia-se o comércio local ao mesmo tempo que se fomentava o aparecimento de valores etnográficos locais.

A junta de freguesia projecta sediar neste local o Museu Etnográfico e o posto de turismo da região, para quem visite ou pretenda investigar sobre as suas raízes históricas. O projecto ainda não se concretizou devido à falta de meios financeiros da parte da autarquia local.

Universidade de Lisboa associa-se à Dom Quixote para a edição de livros científicos e didácticos

SAIR DOS MUROS DA ESCOLA

Rodrigues da Silva
Fotos de José Tavares

Antes do Natal, vai aparecer nas bancas um livro com a chancela de uma nova editora: EDUL. Antes que o leitor se lance a decifrar o que significa a nova sigla, desvende-se o mistério: EDUL significa Edições da Universidade de Lisboa, instituição que até agora não possuía uma editora própria.

Mas agora já tem. O que não tem é capacidade de produção e de comercialização, o mesmo é dizer, de divulgação. Nesse sentido, a EDUL associou-se para o efeito às Publicações Dom Quixote, num tipo de contrato exterior à Universidade algo inédito em Portugal.

A prof. Ana Luísa Janeira, pró-reitora da Universidade de Lisboa, é a responsável pelos seus serviços editorais e intregra o secretariado da EDUL.

Nesta entrevista ao «DL», a prof. Ana Luísa Janeira vai explicar qual a razão de ser da EDUL, seu modo de funcionamento e principais objectivos. Assim:

— A Universidade de Lisboa assumiu pela primeira vez a necessidade de ter uma editora, um espaço para os seus docentes, investigadores, estudantes e funcionários poderem publicar os seus trabalhos relacionados com a investigação e o ensino.

— Quer dizer que não é fácil publicar obras universitárias?

— Não, não é fácil. Há muitas obras que não têm mercado, nem público e mesmo assim são importantes e precisam de ser divulgadas. Nós não temos, na EDUL, a ilusão de ter publicações a fundo perdido, mas temos que ter em vista uma perspectiva cultural. É neste sentido que achamos que uma editora universitária deverá harmonizar uma boa gestão financeira com uma perspectiva cultural, possibilitando a publicação de obras de qualidade. Algumas serão deficitárias.

— Qual é o plano de edições?

— Vamos editar textos didácticos, manuais de ensino, livros de bolso de divulgação científica e trabalhos académicos.

— Já vamos aos outros, mas para já, o que significam «livros de bolso» para a EDUL?

— O universitário português não sabe ou receia escrever para toda a gente. No estrangeiro, há cientistas como Carl Sagan, Hubert Reeves, Jacques Monod e François Jacob, por exemplo, que sendo Prémios Nobel, como os dois últimos que citei, têm obras de divulgação que se tornaram quase «best sellers». Em Portugal, isso não é comum. Esta secção da EDUL pretende-se um desafio a docentes e investigadores. É preciso que eles percebam que há um espaço editorial que também lhes pertence. Para isso têm que desenvolver certas qualidades que não são as dos trabalhos académicos. Sem cair na divulgação barata, importa descobrir um equilíbrio, fazendo um trabalho científico de qualidade e, ao mesmo tempo, capaz de ser lido por um público não académico.

— E a secção de textos didácticos?

— Obras para as aulas com qualidade didáctica.

— Os manuais?

— Textos para as várias cadeiras.

— Ainda há sebentas?

— É raro.

— É raro, ou mudaram de nome apenas?

— Claro que ainda há com outro nome, mas é raro. São mais selecções de textos.

— E, então, sobre a rubrica «manuais», são, no fundo, sebentas que a EDUL vai editar?

— Não. Isso é mais com as Associações de Estudantes e não é, de facto, a mesma coisa que a antiga sebenta.

— E não vai haver concorrência entre os manuais editados pelas Associações de Estudantes e os manuais da EDUL?

— Não. Aliás, na medida do possível, utilizaremos os serviços tipográficos das Associações de Estudantes desde que apresentem preços competitivos.

— E as Publicações Dom Quixote vão nisso? Em princípio, a Dom Quixote é que vai editar as obras da EDUL...

— Não há problema. O nosso primeiro desdobrável foi feito na Associação de Estudantes de Medicina.

— Os trabalhos académicos, por sua vez, são teses?

— Exacto. Já há muitas teses que encontram editor, mas a maioria, mesmo com interesse exterior à Universidade, não encontra editor. Com a EDUL a publicação de teses vai ser mais frequente.

Conselheiros e pareceres

— Quem decide da publicação de uma obra na EDUL?

— O esquema é este: há um vice-reitor, que é o prof. José Pinto Correia, uma pró-reitora, que sou eu, e um conselheiro, o prof. Barata Moura. Os três integramos o secretariado.

— Que significa conselheiro?

— É um elemento de cada Faculdade que integra a Universidade de Lisboa. O de Letras (o prof. Barata Moura) integra o Secretariado.

— E os outros quem são?

— Os profs. David Ferreira (Medicina), Teresa Freire (Farmácia), Meneses Cordeiro (Direito), César Viana (Ciências), Maria Rita Mendes Leal (Psicologia e Ciências da Educação) e Vasco Pulido Valente (Instituto de Ciências Sociais).

— Os conselheiros decidem da publicação das obras?

— Não. Eles escolhem duas pessoas que dão parecer, a favor ou contra o interesse científico da obra que se candidata a ser publicada. E esse parecer é pago, porque tem que ser dado em vinte dias.

— Já há muitas obras na fila de espera?

— Isto foi anunciado em Maio e já há cinquenta inscrições.

— Quais vão ser as primeiras obras a editar pela EDUL?

— Digamos que há já duas com parecer pedido.

— Quais?

— Uma obra do prof. Pinto Correia e quatro colaboradores dele. Intitula-se «Manual de Cuidados Médicos Intensivos de Gastroenterologia». Se obtiver parecer positivo, está cá fora antes do Natal. A outra obra a aguardar parecer é a tese de doutoramento em Filosofia de Luís Paisano sobre Husserl e Heidegger.

Mecenato

— Vamos falar da ligação da EDUL às Publicações Dom Quixote.

— Antes, queria falar de outra coisa, para se perceber melhor a ligação. É assim: a nível de gestão o que vamos fazer é procurar meios de financiamento para estas obras que, à partida, não dão lucro editorial.

— E quem financia?

— Ao abrigo da Lei do Mecenato, há várias hipóteses.

— Já estou a ver.

— Laboratórios de medicina, laboratórios químicos, firmas de produtos farmacêuticos, são exemplos. Com dinamismo, haverá várias firmas a disputarem a possibilidade de financiamento. Uma já financiou: a firma Ferraz Lynce Lda. E, depois, há as fontes elássicas.

— Quais, para além da Gulbenkian, claro?

A reitoria da Universidade de Lisboa

Ana Luísa Janeira

A prof. Ana Luísa Janeira nasceu em Lisboa, em 1943, e tem a agregação em Filosofia das Ciências, exercendo a docência universitária no departamento de Química da Faculdade de Ciências desde 1979. É doutorada em Filosofia pela Universidade de Paris.

É pró-reitora da Universidade de Lisboa, integra o conselho redactorial da Revista de Ciências, Tecnologia e Sociedade e o secretariado das Edições da Universidade de Lisboa.

Publicou até agora os seguintes livros: «Conhecer Simone Weil» (1973), «A Energética no Pensamento de Teilhard de Chardin» (1978), «Sobre as Ciências e As Tecnologias» (1980) e «Sistemas Epistémicos e Ciências. Do Noviciado da Cotovia à Faculdade de Ciências de Lisboa» (1987). Em 1982, fez parte do Conselho de Imprensa, como representante da opinião pública.

Dentro de dias, a prof. Ana Luísa Janeira parte para o Brasil, para proferir conferências nas Universidade do Recife, Campinas e Belo Horizonte e investigar no Rio de Janeiro sobre o Horto Botânico e jardins botânicos brasileiros.

O objecto do seu estudo é o de saber qual a utilidade científica dos jardins botânicos modernos face a uma biologia molecular dominante. Por outras palavras, tentar saber até que ponto um jardim botânico, a par de uma memória e de um espaço de prazer, continua a ter hipótese de intervir na própria ciência biológica.

—Há a Gulbenkian, o Instituto Nacional de Investigação Científica, a Junta de Investigação Científica e Tecnológica, a Fundação Luso-Americana. Por outro lado, no mês de Julho criou-se a Fundação da Universidade de Lisboa, no âmbito da qual se enquadra a EDUL.

—Vamos, então, às Publicações Dom Quixote.

Vamos lá. A EDUL é uma estrutura que existe para dinamizar e dar garantias do nível científico ou didáctico das obras. Mas, nós, universitários, não podíamos garantir estruturas de produção e comercialização. É bom não esquecer que o secretariado da EDUL é formado por três professores e uma secretária, mais ninguém. Pensou-se, então, que seria oportuno contactar editoras que nos parecessem capazes de se ocupar da produção e comercialização das nossas obras.

—E foi escolhida a Dom Quixote.

—Foi, depois de se contactarem mais cinco editoras. Em Julho, foi assinado um contrato. Este tempo todo, de Janeiro (em que saiu o regulamento da EDUL) até Julho, foi ocupado a preparar o contrato. Achámos que era muito importante perspectivar no contrato a qualidade científica e as condições de produção e comercialização, com responsabilidade de parte a parte. Foram seis meses. Parece muito tempo, mas nós não tínhamos prática nenhuma. Desconhecíamos mesmo questões como percentagens de comercialização adequadas, enfim, tudo isso.

Livros de bolso: o mais difícil

—E agora, as perspectivas?

—Penso que a colecção de livros de bolso vai ser a mais difícil. De tal modo que vai haver um prémio: o Prémio prof. José Pinto Correia, que distinguirá o livro de bolso melhor na área das Ciências da Saúde. É um prémio anual de 250 contos.

—Pagos por quem?

—Pela tal firma que citei há pouco, a Ferraz Lynce Lda. uma firma de produtos farmacêuticos.

—A Universidade de Lisboa é a primeira Universidade a lançar uma iniciativa do género?

—Não. A Universidade Nova tem os seus serviços gráficos. E a Universidade de Coimbra tem a velha Imprensa da Universidade, criada por Pombal, em 1772.

—Eu referia-me à ligação da Universidade a uma editora para melhor produção e comercialização, ou, simplificando, para melhor divulgação, que no fundo é o importante.

—Nesse aspecto, penso que a Universidade de Lisboa é a primeira a fazê-lo.

—E os preços dos livros, há já alguma ideia, vaga, evidentemente, visto que a EDUL vai publicar livros muito diversos?

—Os livros de bolso devem ter preços abaixo do normal. E, repito, penso que vai ser a colecção mais difícil. Não está nos nossos hábitos culturais.

"DL" revela originais que vão à praça

ALBERTO DE SERPA: O GRANDE LEILÃO DA LITERATURA

Manina Tavares Dias

AOS 80 anos, na sequência de prolongada doença, o poeta Alberto de Serpa deliberou que todos os manuscritos, a correspondência literária e as primeiras edições que constituem o seu precioso acervo sejam vendidos em leilão. Pretendeu tomar conta do destino que levaria o seu espólio, e nisso revelou o mesmo comedido e sensato homem que, durante décadas, prescindiu de grandes luxos para ir reunindo a sua colecção.

Essa colecção é hoje uma das mais importantes — talvez a mais importante — referente aos últimos cem anos da literatura portuguesa e pertencentes ainda a um particular.

Manuel Ferreira, livreiro do Porto, conhece Alberto de Serpa há mais de quatro décadas. O poeta encarregou-o da difícil tarefa de levar o seu acervo bibliográfico à praça, de inventariar as peças e distribuir os lotes. Foi um longo trabalho, mesmo para Manuel Ferreira, que lida com livros há 44 anos, desde os 12 de idade. É um homem afável, conhecedor do mercado, mas facilmente cativado pela evidente paixão dos seus clientes bibliófilos. Há 30 anos que dirige uma livraria no centro do Porto e recorda muitos espólios que deram brado em leilões. «Mas este deve ser o maior leilão na parte relativa aos escritores dos últimos cem anos» — considera.

Existem possibilidades de a colecção de manuscritos ser adquirida na totalidade pelo Estado ou por uma firma interessada no mecenato. Manuel Ferreira foi contactado nesse sentido e espera que tal venha a acontecer: «Seria uma pena dispersar esta colecção ou vê-la na posse de alguém que a remeta para a estante e para as gavetas. Por isso, ela começa por ir à praça na totalidade, apesar de ser menos rentável vendê-la assim. Espero que seja adquirida por alguém que a ponha ao dispor dos estudiosos».

Da colecção de Alberto de Serpa, e excluindo (em catálogo aparte) a sua biblioteca, fazem parte originais e correspondência de Almada Negreiros, Fialho de Almeid, Almeida Garrett, Marquesa de Alorna, Norberto de Araújo, António Arroio, José Bacelar, Manuel Bandeira, Bocage, Jorge Barradas, João de Barros, Jaime Batalha Reis, Agustina Bessa-Luís, Edmundo de Bettencourtt, Carlos Botelho, António Botto, Teófilo Braga, Victoriano Braga, Raul Brandão, Brito Camacho, André Brun, Bulhão Pato, João Cabral de Melo Neto, D. João da Câmara, Anttónio Cândido, Adolfo Casais Monteiro, Camilo, Castilho, Eugénio de Castro, Ana de Castro Osório, Camilo José Cela, Mário Cesariny, Leonardo Coimbra, Armando Cortes Rodrigues, Jaime Cortesão, Angel Crespo, Júlio Dantas, João de Deus, Saul Dias, Júlio Diniz, Carlos Drummond de Andrade, Afonso Duarte, Eça, Florbela Espanca, António Feijó, Ferreira de Castro, António Ferro, Conde de Ficalho, Sebastião da Gama, José Gomes Ferreira, Gomes Leal, Guerra Junqueiro, Alfredo Guisado, Herculano, Pedro Homem de Mello, Alberto de Lacerda, Manuel Laranjeira, Raul Leal, Irene Lisboa, D. Manuel II, Carolina Michaelis de Vasconcelos, Luís de Montalvor, Rafael de Montesinos, Wenceslau de Moraes, Mousinho de Albuquerque, Vitorino Nemésio, António Nobre, Carlos de Oliveira, Oliveira Martins, António Pedro, Sampaio Bruno, Camilo Pessanha, Fernando Pessoa, Raul Proença, Carlos Queiroz, Antero de Quental, Ramada Curto, Ramalho Ortigão, Alves Redol, José Régio, Aquilino Ribeiro, Mário de Sá Carneiro, Mário Sá, Jorge de Sena, António Sérgio, João Gaspar Simões, Teixeira Gomes, Teixeira de Pascoaes, Miguel Torga, Trindade Coelho e Cesário Verde.

O acervo (que inclui outros autores) é constituído por 1366 verbetes com cerca de cinco mil peças. A base de licitação para a totalidade dos manuscritos será de 25 mil escudos, quantia que um bibliófilo do Porto, ao verificar alguns items, considerou «ridícula».

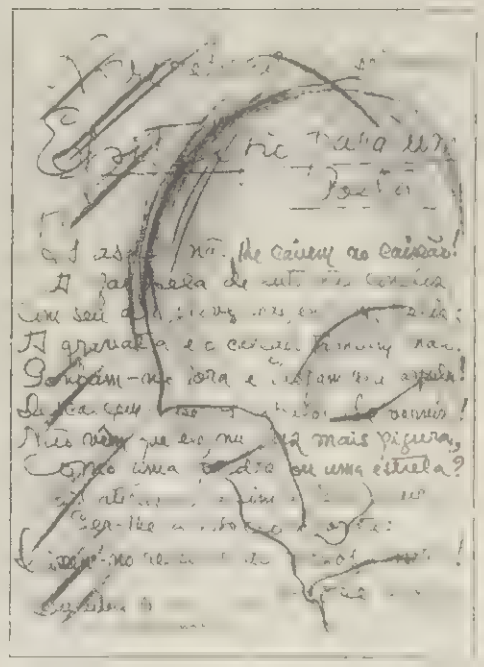
Manuel Ferreira explica o critério de separação das peças: «Sempre que tínhamos um lote de cartas com o mesmoo destinatário, juntámos tudo no mesmo verbete. Mesmo que isso signifique um verbete com 419 cartas e outro com uma só. Pareceu-me que as cartas com o mesmo destinatário não deviam ser dispersas. Há interesses maiores do que o mero aspecto económico. Neste leitão, estamos a lidar com objectos pelos quais passará muita da investigação dos próximos anos.»

Alberto de Serpa conserva consigo toda a correspondência que lhe foi dirigida por José Régio, a quem o ligavam profundos laços de amizade. Também não há notícia de que queira vender a sua colecção de obras de arte, que inclui dois quadros de Amadeo de Sousa-Cardoso.

«O poeta Alberto de Serpa não era propriamente um bibliófilo — diz Manuel Ferreira —, mas uma pessoa que sabia comprar. Mesmo para os livreiros, não há fascínio que se compare a comprar esses objectos preciosos que passaram pela mão dos escritores.»

Apesar desse fascínio ou por causa dele, Manuel Ferreira só colecciona bibliografias e catálogos (tem-nos de tudo, desde orientalistas a tauromaquia). «Prefiro ser um mau bibliófilo do que ser um mau comerciante. Os meus clientes contam comigo e, se eu coleccionasse, ficava com as melhores peças para mim. É sempre tentador mas é impraticável.»

Alberto Serpa, retratado por António Carneiro, em 1928



CATALOGO

DA COLECÇÃO DE MANUSCRITOS REUNIDA PELO POETA

ALBERTO DE SERPA

1988

Um dos poetas mais representados no leilão: José Régio. Este original, de 1960, quase pode considerar-se um auto-retrato com epitáfio

Fragmento pessoano "impublicável"

O leilão da biblioteca de Alberto de Serpa começa no dia 14 de Novembro, durando cinco noites (sessões às 21.30 h). O da «preciosa colecção de manuscritos reunida pelo poeta» prolongar-se-á por seis sessões, a partir do dia 18. O local da exposição e venda é Vila Nova de Gaia (instalações da Sandeman) e os lotes virão, entretanto, a Lisboa, onde ficarão patentes ao público na sede da sociedade de leilões Soares e Mendonça (entre 19 e 23 de Setembro).

Informado em primeira mão, o «DL» destaca algumas das peças que vão estar em praça:

Almada Negreiros: original dactilografado e manuscrito de «Máscara Árabe»; poema manuscrito «Rondel do Alentejo»; quatro cartas para Alberto de Serpa.

Garrett: poesia manuscrita sem título, duas cartas para uma filha e outra para o Bispo Conde de Arganil.

Bocage: um caderno de 18 folhas com poesias e o original manuscrito da tradução do 13.º livro de Ovídio (em Setembro de 1797).

António Botto: dois poemas manuscritos inéditos, um trecho em prosa e perto de duas centenas de cartas, bilhetes e cartões.

Eça de Queirós: provas das «cartas de Fradique Mendes» revistas pelo escritor, quatro cartas datadas de Paris (entre Janeiro de 1893 e Janeiro de 1894) e um prefácio manuscrito para o livro «Aguarelas» de Júlio Diniz.

António Nobre: dezenas de cadernos de rascunho e poesias em folhas soltas, planos de obra e originais tipográficos que incluem as provas do «Só» e de «Males de Anto». Inúmeras cartas, fotografias, jornais, recortes e lembranças que pertenceram ao poeta.

Fernando Pessoa: poesias dactilografadas assinadas: «Ah, a Angústia, a Raiva Vil, o Desespero» (de 1920); «Às Vezes, em Sonhos Distraídos» (sem data); «Afonso de Albuquerque» (de 1934); «Dizem?/ Esquecem» (de 27/28, data do original, embora se conheça um manuscrito de 1926); «A Dor que me Enche a Alma» (de 1920). De Pessoa são ainda os manuscritos de «Livro de Legendas», «Passos da Cruz» (este de 1914), «Realejo»; duas cartas (uma sem indicação do destinatário e outra para Alberto de Serpa), além de um fragmento de papel colado numa carta de António Botto para Alberto de Serpa. Nesse pequeno fragmento, Álvaro de Campos usa uma linguagem pouco comum nos seus escritos mais conhecidos: «Ora porra! Então a Imprensa Portuguesa/é que é a Imprensa Portuguesa?» O resto do fragmento entra no domínio do impublicável...

Mário de Sá-Carneiro: poesia «Estrume» escrita aos 19 anos (original dactilografado e assinado); carta de Paris (1915) para José Pacheco e outra carta, sem destinatário determinado e sem data, com um recado para Fernando Pessoa.

CINEMAS

Rambo III — Lisboa : Alfa, Ávila, Amoreiras, Terminal, Eden, Tivoli, 7ª Arte, Amadora Babilónia
Porto: Batalha, Coliseu, Charlot
Cascais, Almada, Aveiro, Braga, Setúbal, Coimbra, Faro, Vilamoura, Póvoa de Varzim, Leiria, Costa Caparica, Figueira da Foz

Alfa Triplex
— T. 806496

Alfa 1

RAMBO III
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

ADEUS ÁFRICA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

XANGAI
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

IMPÉRIO DO SOL
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

LARANJA MECÂNICA
(maiores 18 anos)
13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 h

Amoreiras 1

RAMBO III
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2

ADEUS ÁFRICA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 3

O MILAGRE DA RUA 8
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 4

HOMEM DE ACÇÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5

XANGAI
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 6

A GENTE DE DUBLIN
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70

AS MIL LUZES DE NOVA IORQUE
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Ávila
— T. 539930

RAMBO III
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.45 e 23.45 h

Berna
— T. 776098

O MILAGRE DA RUA 8
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitólio
— T. 372358

O VENDEDOR SEXUAL
(Porno)
(maiores 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.30 e 23.00 h

Castil
T. 530194

OS QUATRO CACHORRINHOS
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

DELÍCIAS CHINESAS
(maiores 18 anos)
Pornográfico
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões
T. 324194

O GRANDE MESTRE DOS LUTADORES
(Interdito men. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 533253

MASTERS DO UNIVERSO
(Para todos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O MENINO DE OURO
(n/acons. men. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 9434773

NAM – NO CUMPRIMENTO DO DEVER
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

(Encerrado para beneficiações)

City Cine
— T. 549999

ATIRAR A MATAR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes
— T. 322523

ALIENS – O RECONTRO FINAL
(maiores 16 anos)
14.15, 18.15 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

RAMBO III
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134

ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255

O ASSALTO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

JOGO FATAL
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

OS GLADIADORES DA NOITE
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

GANSOS SELVAGENS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas
— T. 541037

Ciclo de Cinema
«S.I.F.»
O ÚLTIMO COMBOIO DE GUN HILL
(n/acons. men. 13 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009

O ÚLTIMO IMPERADOR
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

ALIENS – O RECONTRO FINAL
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

A CASA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Império
— T. 555134

KALIDOR – A LENDA DO TALISMÃ
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

A CASA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

ALIENS – O RECONTRO FINAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres
— T. 801313

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

GENTE DE DUBLIN
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

O ESPIÃO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 h

ESTRANHOS NA MESMA CIDADE
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.30 h

Nimas
— T. 574362

A DIFÍCIL ARTE DE AMAR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

A LÂMPADA DO TERROR
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia
T. 325309

DESEJOS CARNAIS
Pornografico
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathe
— T. 821933

PACTO FATAL
(maiores 12 anos)
14.00 e 21.00 h

Politeama
T. 326305

O MASSACRE DOS SAMURAIS
(maiores 16 anos)
15.00, 18.00 e 21.00 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1

INTRIGA EM FAMILIA
(n/acons. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O CLUBE
(maiores 12 anos)
23.30 h

Sala 2

LARANJA MECÂNICA
(Int. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
UM FILME DOCE
(Int. men. 18 anos)
24.00 h

Sala 3

AS PROFISSIONAIS DO SONHO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
PROCURA-SE MORTO OU VIVO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 4

CAMINHOS CRUZADOS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
O FIO DO SUSPEITO
(maiores 12 anos)
23.30 h

Roma
T. 889192

ACADEMIA DE POLÍCIA V
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1

O MILAGRE DA RUA 8
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

ESTRANHOS NA MESMA CIDADE
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.45 h

AS MIL LUZES DE NOVA IORQUE
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.05 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715

ACADEMIA DE POLÍCIA V — MISSÃO EM MIAMI
(maiores 6 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

GENTE DE DUBLIN
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

RAMBO III
(maiores 16 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Tivoli
— T. 570595

RAMBO III
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

ANTES SÓ QUE MAL ACOMPANHADO
(maiores 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon
T. 368480

O ENIGMA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Babilónia — «Rambo III», às 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).
ALGUEIRAO — Cine Teatro Chaby — «Os Guerrilheiros da Sombra», às 21.30 h (maiores 12 anos).
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Os Masters do Universo», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Homem de Acção», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — (Encerrado para obras).
ALGÉS — Cinema 2000 — «Três Homens e um Bebé», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Laços de Ternura», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «O Último Imperador», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Homem em Acção», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos).
NOVA OEIRAS — Cine Palmeiras — Sala 1 — «Nas Teias da Mafia», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Adeus África», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)
CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Atirar a Matar», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Laranja Mecânica», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (Int. men. 18 anos).
Sala 2 — «Alguém Muito Especial», às 18.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Zás, Tudo ao Léu», às 15.30 e 21.30 h, (maiores 12 anos).
ALMADA — Cine-Estúdio de Almada — «A Cor do Dinheiro», às 15.30, 18.15 e 21.30 h, (maiores 12 anos).
ALMADA — Incrível Almadense — «A Legião dos Danados», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «Jogo Fatal», às 21.30 h (maiores 12 anos).
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Atracção Fatal», às 15.45 e 21.30 h (maiores 16 anos).
Sala 2 — «Leonard – O Grande Copião», às 15.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).
BARREIRO — Cinestudio Barreirense — «Polícia de Choque», às 15.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).

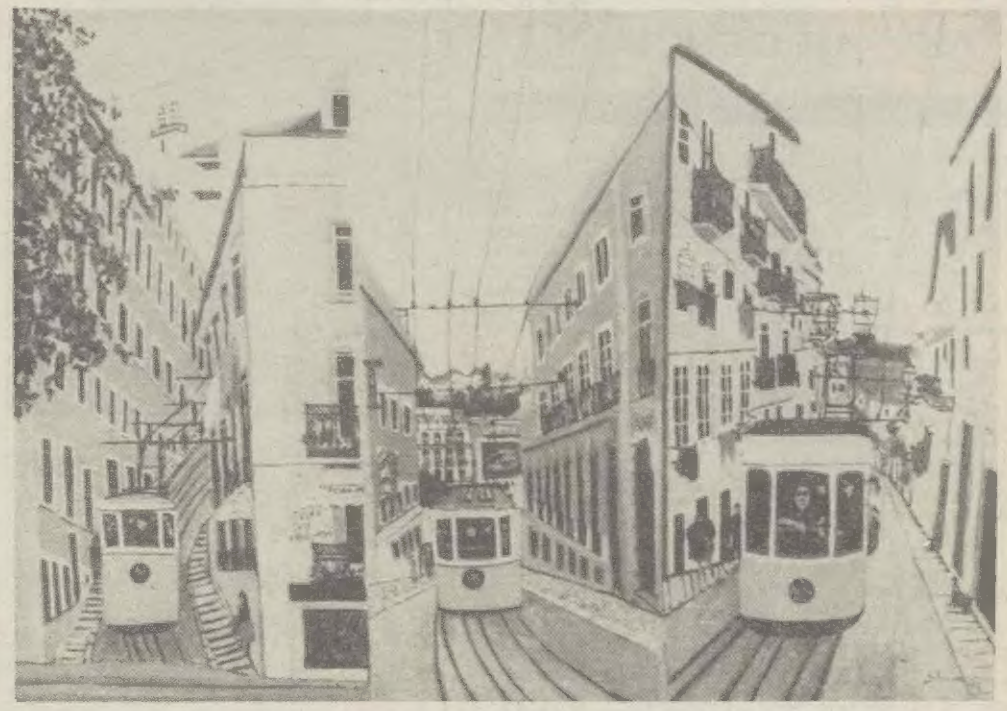
Pintura ingénua no Casino Estoril

Inaugura-se esta noite, na Galeria de Arte do Casino Estoril, o VIII Salão Nacional de Pintura Naif.

Imaginação, profunda sensibilidade e raiz popular nos temas abordados são os principais vectores desta pintura que, à margem das regras e dos academismos, têm como principal objectivo o comunicar com o observador.

Neste salão, que regista sempre estreias, às vezes importantes, destaca-se a presença de nomes já consagrados, tais como Rosa Passos, Albino José Moreira e Isabelino, reconhecidos no estrangeiro. Outros nomes com obras de mérito: Augusto Pinheiro, Ló e Silva Vieira, cuja originalidade marca bem a justiça do êxito de que gozam, ou Margarida Varejão, Ivone, Manuel Carvalho, Silvana, Eufigénio e Sérgio como criadores de uma linguagem muito autêntica, além de outros que têm mantido grande coerência nos quadros apresentados, como é o caso de Maria Antónia Gomes, Luís Vieira, Alice Fernandes e M. Castro.

Esta colectiva poderá ser visitada das 15 às 24 horas de todos os dias, até 18 de Setembro. Cinquenta e cinco pintores e 200 obras fazem da nova edição do Salão Naif uma das mais conseguidas de sempre.



«Três elevadores de Lisboa», uma obra de Silvana exposta no Estoril

EXPOSIÇÕES

Museu Nacional do Teatro: exposição «A Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro».

Museu Nacional do Traje: até 26 de Agosto, a exposição «Ao abrigo do sonho», instalação têxtil de Edith Ambuhl. Também as exposições «Travessia sobre a época de Fernando Pessoa», «Traje na Dança», «Traje na ópera — Guarda-roupa de Tomás Alcaide» e «Colchas de Ermelinda Cargaleiro».

Museu Soares dos Reis (Porto): a exposição «O Tempo e o Lugar», dedicada ao pintor da corte de Luís XIII Philipe de Champaigne.

Museu Tavares Proença Júnior (Castelo Branco): uma colectiva de pintura com trabalhos de 19 artistas da «Imargem» — Associaçã'o de Artistas Plásticos do Concelho de Almada e ainda do artista convidado João Sena.

Museu de Etnologia: as exposições «Timor de Ruy Cinatti», «Índios da Amazónia» e «Têxteis: Tecnologia e Simbolismo».

Palácio Nacional de Mafra: a exposição «Tapetes Orientais da Colecção Calouste Gulbenkian».

Palácio Nacional de Sintra: até finais de Outubro, todos os dias, excepto quartas e feriados, a exposição «Estudo e Recuperação dos Jardins Históricos».

Casa de Serralves (Porto): até 28 de Agosto, três exposições. Pintura — «Um Olhar sobre a Arte Contemporânea». Fotografia — «Imagens da América 1910-30». Jóias — «Joalharia Contemporânea Belga».

Gulbenkian: três exposições — «A Pintura dos Oitenta Anos de Vieira da Silva, «Os trinta anos de desenho de Jorge Martins» (até domingo) e, na zona dos congressos, uma selecção dos cartazes do teatro polaco (até dia 31).

Biblioteca Nacional: até 2 de Setembro, na Galeria I, uma exposição de pintura de alunos da SNBA e da ARCO sob o título «4 Elementos»; durante o mesmo período, na Galeria II, uma exposição de fotografia denominada «Arqueologia do Tempo», da autoria de Ana Pimentel, aluna da ESBAL. Ambas as exposições patentes de segunda a sexta, das 13 às 17.30.

Casa da Cultura das Caldas da Rainha: até 28 de Agosto, pintura sobre porcelana da autoria de Carmo.

Amadora (Parque Central): até 30 de Setembro, a I Mostra de Escultura ao Ar Livre organizada pela Câmara Municipal com o apoio do Grupo Artever — Associação de Artistas Plásticos da Amadora.

Forum Picoas (Galeria de Arte dos CTT): até 26 de Setembro, nos dias úteis, das 11 às 12.30 e das 13.30 às 19, pintura de Lino António.

Vila Nova de Cerveira: até 4 de Setembro, VI Bienal de Cerveira com o tema-base «Design Gráfico Português».

Cooperativa Árvore (Porto): até 31 de Agosto, a VIII Exposição Colectiva dos Sócios da Árvore.

Loulé (Galeria do Convento do Espírito Santo): até 30 de Setembro, uma exposição antológica de pintura e desenho de Manuel Baptista.

Casa de Bocage (Setúbal): até 28 de Agosto, gravura de Ilda Reis.

Escola António Arroio (R. Coronel Ferreira do Amaral): «Experiências Plásticas», colectiva de professores e alunos, sinalizando um ano de atelier livre (dias úteis, até 30 de Outubro).

Centro Cultural São Lourenço (Almansil): até 9 de Setembro, pintura de António Pimentel.

Convento dos Capuchos (Costa da Caparica): desenhos e esculturas de José de Guimarães, «O Gesto em Cor».

Spatium e Casa-Museu Álvaro de Campos (Tavira): pinturas de Vítor Pomar em duas exposições — grandes formatos na Casa-Museu e trabalhos a «preto e branco» ou a cores na Galeria Spatium.

Galeria Almada Negreiros (Av. da República, 16): exposição de homenagem a Joseph Beuys, na qual participam cerca de 30 artistas de relevo nas últimas três décadas das artes plásticas mundiais.

Almada (Galeria Municipal de Arte): até 11 de Setembro, exposição de pintura e escultura que reúne uma parte do espólio de artes plásticas do museu municipal. João Abel Manta, Gil Teixeira Lopes, Artur Bual, Lagoa Henriques, Cargaleiro, Sá Nogueira, Vespeira, entre outros, são alguns dos artistas que têm obras expostas nesta mostra. A Galeria Municipal de Arte de Almada fica na Av. D. Nuno Álvares Pereira, 74-A, estando a exposição patente ao público das 17 às 22 horas (encerra às segundas-feiras).

Vila Nova de Famalicão (átrio da Câmara Municipal): até 4 de Setembro, das 9 às 19.30, a exposição itinerante da Unesco «Artes Africanas», constituída por 34 painéis fotográficos e dividida em três secções: Materiais e Técnicas, História e Áreas Estilísticas.

Galeria de Arte do Casino Estoril: é hoje inaugurado e estará patente até 18 de Setembro o VIII Salão de Pintura «Naïf» com a participação de cerca de meia centena de artistas que no nosso país se dedicam a esta modalidade pictórica.

Nazaré (Galeria do Posto de Turismo): até domingo, exposição de pintura e escultura de José Coelho.

Loures (Casa do Adro): até 25 de Setembro, exposição de miniaturas de cerâmica de Delfina Cunha, intitulada «Momentos da vida saloia». No mesmo local, e até 10 de Dezembro, também a mostra «Loures em imagens do passado: a memória das coisas».

Ornette Coleman

Óbidos (Solar da Praça de Santa Maria): exposição retrospectiva da obra gravada de Manuel Cargaleiro.

Foto-Galeria 12-A (Costa do Castelo, 12-A): «Linhas do Desejo», exposição de fotografias de Guilherme Silva (até 9 de Setembro).

Amarante: até dia 27, I Feira-Mostra de Artes Tradicionais e Artesanato. Paralelamente, um programa cultural a cargo de cada um dos sete municípios que organizam a mostra: Amarante, Baião, Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Felgueiras, Marco de Canaveses e Mondim de Basto.

Livraria Barata (Av. de Roma, 11-A): a exposição de Sam «Uterus Communis».

Galeria Artex (R. Nova do Almada, 87): até 10 de Setembro, uma colectiva de pintura com a participação de Alfredo Luís, Ilídio Soares Lopes, Lívio Morais, Mário Silva, Paulo Afonso, Paulo Ossião e Silva Palmeira.

Palácio Foz: exposição de fotografias «Porto típico-sítios desconhecidos» da autoria do fotógrafo português radicado em França José Lopes.

Galeria de Arte Rosemarie (Estrada da Charneca da Cotovia — Sesimbra): escultura e pintura de Paula Duarte e Joaquim Alves.

MÚSICA

Gulbenkian: hoje e amanhã, às 21,30, no Anfiteatro ao Ar Livre e integrado no «Jazz em Agosto», concerto pela Ornette Coleman e a Prime Time Band, composta por Ornette Coleman, Denardo Coleman, ALbert McDowell, Ken Wessel, Chris Rosenberg e Chris Walker.

Amanhã, às 15 horas, terá também lugar uma conferência-demonstração, por Ornette Coleman, restrita a auditores com preparação musical de nível avançado.

MÉDICO DE URGÊNCIA ☎ 76 61 71 76 61 78 76 61 79

Farmácias

Permanente

ALFAMA — SÃO TOMÉ — Ziler — Rua São Tomé, 54-56 (T. 862835); **AV. D. RODRIGO DA CUNHA — Aeroporto** — Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (T. 882384; **BENFICA — 2.ª CIRCULAR — Benfiluz** — Estrada Benfica, 444-A (T. 7141206); **CAIS DO SODRÉ — Central** — Rua São Paulo, 108 (T. 320389); **CALVÁRIO — Monge** — Rua Lusíadas, 30-32 (T. 636704); **ESTRELA — Marques Freire** — Rua Santo António, à Estrela, 96 (T. 665196); **JARDIM CONSTANTINO — Portugal** — Rua Rebelo da Silva, 11-13 (T. 543340); **JARDIM DOS ANJOS — Jaime Matos** — Rua Álvaro Coutinho, 8-10; **LUMIAR — São Tomé** — Estrada do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **OLIVAIS SUL — Lemos** — Rua Cidade da Beira, 46-C (T. 331692); **PRAÇA DE LONDRES — Algarve** — Av. Roma, 7-B (T. 801478); **SALDANHA — HOTEL SHERATON — Oliveira Viegas** — Rua Viriato, 29-29-A (T. 548966); **CARNAXIDE — H. Amaral** — Praceta António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS — Leitão** — Rua Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); **PONTINHA — Pimental** — Azinhaga dos Besouros, lote R 8 (T. 991328).

Reforço

JERÓNIMOS — Remísio — Rua dos Jerónimos, 14-C (T. 631699); **ALTO SÃO JOÃO — Zional** — Rua Morais Soares, 56-C; **BAIXA — Oliveira** — Rua daa Prata, 240 (T. 878415); **CAMPO GRANDE — AV. DO BRASIL — Rainha Santa** — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (T. 765262); **CAMPOLIDE — ÁGUAS LIVRES — Rualto, Lda.** — Rua Alto Carvalhão, 5 (T. 651721); **EST. UNIDOS À CX. PREV. 39 —Celta** — Rua Moura Girão, 3-B (T. 890621); **MADRE DE DEUS — Romana** — Rua Actor Augusto Melo, 7-A (T. 383800); **PICHELEIRA — Marlus** — Calçada da Picheleira, 140 B-C (T. 880703); PICHELEIRA — Marluz — Rua Prof. Mira Fernandes, MAF; **REGO — Albano** — Rua Escola Politécnica, 59 (T. 326750); **RATO — Prates & Mota** — Rua Beneficência, 91-93 (T. 773728); **SALDANHA — Avenidas** — Av. da República, 27-A (T. 533688); **VALE SANTO ANTÓNIO — Santo António** — Rua Leite Vasconcelos, 72-C (T. 862333); **BURACA — Gaspar Pote** — Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal) (T. 902221); **BRANDOA — AMADORA — Tavares Matos** — Rua Irene Lisboa, lote 108 (T. 993220); **OLIVAL BASTO — Nova** — Rua Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO — Matos** — Travessa das Prioras (T. 2519939)

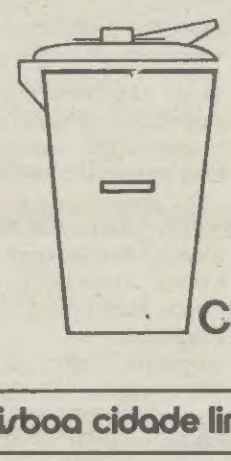
Outra Banda — ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permanente; **COVA DA PIEDADE: J. Castro Rodrigues**, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Central**, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, R. Alexandre Herculano (T. 2530256). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Duarte Ramos**, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2243143). Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene**, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Normal do Sul**, P. do Bocage, 137 (T. 22216). Permanente; **Saião**, Av. da Portela, 55 (T. 22709). Permanente; **Fuzeta**. Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17 (T. 2114487). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Permanente; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 4930019). Permanente; **DAMAIA: Nova**, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Até às 22 horas; **D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ: Pinto Leal**, R. Ferreira de Castro, 61, Massamá (T. 4378402). Permanente; **Albergaria**, Queluz de Baixo. Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Dumas Brousse**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Teresa Garcia**, L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 13 (T. 2518151). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Permanente.

SE
sentir frio
saia da água
o mais depressa possível



CML

Lisboa cidade limpa

DL TEATROS

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De 4.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«A NAVE ADORMECIDA», de Fernando Dacosta. Pelo **Novo Gurpo**. Encenação: Castro Guedes. Cenários: Fernando Filipe. Figurinos: Moura Pinheiro. Música: Eduardo Pais Mamede. Intérpretes: Irene Cruz, Mário Jacques, Francisco Pestana, Melim Teixeira, Jorge Gonçalves, João Baião, Teresa Sobral, Paula Fonseca, Joaquim Monchique, etc.

Casino Estoril

Tel. 268 45 21/46/96

De 5.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 17.30

«OBRIGADO PELO AMOR DE VOCÊS». Peça de Edgar Neville. Intérpretes: Cláudio Cavalcanti, Maria Lúcia Frota e Gracindo Júnior.

Ritz Club

R. da Glória, 57 — Tel. 32 51 40

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«OFF BROADWAY MADE IN BRASIL». Comédia musical para um só actor. Interpretação: Luís Níño.

Variadades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingo, matinée às 16.00

12 anos

«A PROVA DOS NOVOS», de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga e Nuno Nazaré Fernandes. Música de João Vasconcelos, Fernando C. Martins, Nuno Nazaré Fernandes e Fernando Ribeiro. Intérpretes: Marina Mota, Carlos Cunha, Vera Mónica, Carlos Ivo, Lena Coelho, Fernando Mendes, José Raposo, Maria João Abreu e outros.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00; domingos, às 21.30

«OLHA A BOLSA Ó ZÉ». Com Carlos Miguel, Natalina José, Joel Branco, Glória Cristal, Amélia Videira, Paulo César, João Rodrigo e Rui de Sá, entre outros.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala 1

De 3.ª a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«MARIA! NÃO ME MATES QUE SOU TUA MÃE!». Narrativa de Camilo Castelo Branco. De Fernando Gomes. Interpretado por Isabel Ribas, Adriano Luz, Miguel Martins, Rui Paulo, Fernando Luís, Elsa Galvão e Eduardo Firmo. Cenografia de Eurico Coelho. Guarda-roupa de Lucília Telmo.

Teatro Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17

De 3.ª a 5.ª, às 21.30; 6.ª e sábado, às 20.00 e 23.00; domingo, matinée, às 16.00 e noite, às 21.30

«ÉNFIM SÓS», de Mário Zambujal, Carlos Cruz e José Duarte. Música: Zé da Ponte e Guilherme Inês, José Niza, Rui Veloso, Carlos Tê, João Gil, Luís Represas e Senhor Lopes dos Afonsinhos do Condado. Direcção de orquestra: Jorge Costa Pinto. Cenografia: Moniz Ribeiro. Figurinos: Helena Reis. Coreografia: Michel/Sally O'Neill.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Avenida Fausto de Figueiredo, telef. 2670320. De 4.ª a sáb. às 21.30; domingo às 17

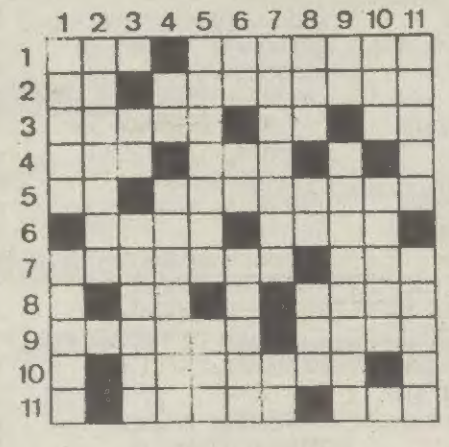
«OPERETA», de Gombrowicz, pelo TEC-Teatro Experimental de Cascais. Enc. Carlos Avilez, cen. e fig. Paulo Seabra, mús. orig. Luís Pedro Fonseca, coreog. Sara Oliveira, apoio corp. George Stobaerts, apoio vocal Cristina Castro.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17425

HORIZONTAIS:

1 Progenitor. Cortesã grega, esposa de Péricles.
2 Preposição. Somítico.
3 Dormi (falando-se de crianças). Sufixo que designa estado. Letra grega (inv.).
4 Árvore indiana, de fibras têxteis. Três letras desiguais.
5 Prefixo de privação. Perfumada.
6 Rei de Judá. Ronda.
7 Freguesia do concelho de Barcelos. Sinal ortográfico.
8 Batráquio. Remédio.
9 Ligaras. Rates.
10 Preparos.
11 Cidade da Suíça. Bosque.



VERTICAIS:

1 Povoação da freguesia da Costa, concelho de Guimarães, distrito de Braga. Descendente.
2 Serenar (fig.).
3 Laço. Apelido.
4 Autores. Mulher cantadeira.
5 Sede do departamento de Valcluse. Prefixo que designa ar.
6 Apelido. Duas vogais desiguais. Pessoa muito parecida com outra.
7 Gastador. Despido.
8 Prefixo que designa ar. Zomba. Nome de jogo.
9 Serviço nacional. Sinuoso.
10 Sufixo que designa pequenez. Fora para fora.
11 Artéria que leva o sangue arterial a todas as partes do corpo. Frouxo.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 17424

HORIZONTAIS:

1 É. A. MORTE. A.
2 Cáfila. Rove.
3 Uras. Ivone.
4 Lira. Cão.
5 Rã. Landa.
6 Cá. Ruariam.
7 Urraca. Ando.
8 Nial. Cá. Aer.
9 Iama. Um.
10 Ciar. Moçada
11 Ralaram.

VERTICAIS:

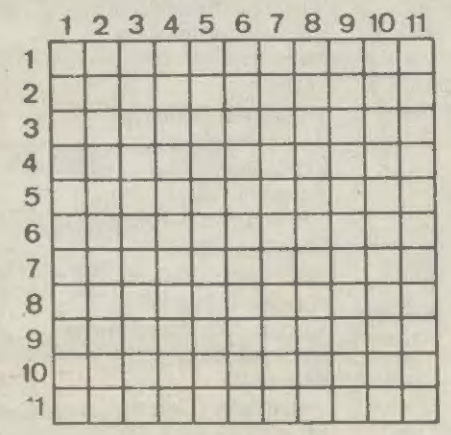
1 Écula. ÚNICA.
2 Ari. Criai.
3 Afar. Aramar.
4 Isar. Alara.
5 ML. Arc.
6 Oaio. Uacumã.
7 Vala. Amor.
8 Trocara. Cá.
9 Eon. Ninaram.
10 VERDADE.
11 Ae. Amornar.

PROVÉRBIO: É a morte a única verdade.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 237

HORIZONTAIS:

1 Título do soberano da Etiópia. Sepultura.
2 Levantaras. Nesse lugar.
3 Jubas. Costume.
4 Nome de homem. Transpiramos.
5 24 horas. Batráquio. Átomo.
6 Sadio. Continuado.
7 Catafalco. Abreviatura de radiano, unidade de ângulo. Cidade da Ucrânia.
8 Utensílio doméstico. Nome de mulher.
9 Azia. Nome do trono imperial da Etiópia.
10 Neon (s.q. e inv.). Rio de França. Dividir ao meio.
11 Ralador. Aloja em tendas.



VERTICAIS:

1 Morte de um tecido. Preposição.
2 Prendeu com elos. Toma de assinatura.
3 Lamentos.
4 Freguesia do concelho do Vimioso. Pequeno planeta descoberto em 1932 pelo belga Delporte, no Observatório de Ucle.
5 Peneirar. Guarneço de asas.
6 Érbio (s.q.). Letra grega.
7 Colega.
8 Carta de jogar. Matemática. Mulher nobre.
9 Alternativa (inv.). Sacudam.
10 Antiga medida de quatro palmos. Cidade de França.
11 Escudeiro. Tostara.

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 16 236

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Necrópsia.	1 Necrofobia.
2 Eça. Atina.	2 Ecos. Pé. V.º.
3 Cós. Dá. Sem.	3 Cãs. Criados.
4 Rs. Pesca. Cá.	4 Paravas.
5 Canais. Rs.	5 Ordenados.
6 Ferrara. Bo.	6 Ásaro. Co.
7 Opiados. Afã.	7 Sá. Ciassem.
8 Avô. Selim.	8 It. Ás. Em.
9 Dás. Emala.	9 Ais. Balada.
10 Avós. Cm. DII.	10 Necrofilia.
11 Os. Fo. Caãs.	11 Camas. Amais.

Rádio

Antena Um

17.00: Sete mares; **19.30**: Musical; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.25**: Musical; **20.30**: A voz de Roma e musical; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Desdobramento em Onda Média-Emissores do Litoral Continental

17.00Banco de jardim. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

16.30: Álbum musical; **17.00**: Tempo de bailado; **17.30**: Viena do século XVIII; **18.40**: O violoncelo concertante de Boccherini; **19.00**: Integrais; **19.36**: Música sinfónica; **20.40**: Concerto, para órgão, de Carl Philipp Emanuel Bach; **21.00**: Música instrumental; **22.00**: A flauta e o oboé em concerto; **23.00**: Intercâmbio musical; **23.50**: Concerto nocturno; **02.00**: Música na madrugada em disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média
(283, 290 e 397m)

14.00: Musical; **17.00**: Média alta; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: As noites da Comercial; **03.00**: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Rock em stock; **18.00 Círculo em FM; 19.00**: Espaço Lubritex; **20.00Espaço Inforgal; 21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Hora Akai; **01.00**: Som da frente; **03.00**: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

14.00: Banda da amizade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Boa nova; **20.30**: Conversa de amigos; **21.00**: Sequência; **22.30**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial da BBC; **23.55**: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

10.00: Cem mais; **19.00**: Atlântida; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Alentejo em notícia; **19.20**: Grande bazar.

Voz do Alto Tâmega

15.00: Da veiga à serra; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fontes termais.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Triângulo; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço.

TELEVISÃO

RTP

16.00 — Brinca Brincando:
«Defensores da Terra»
(39.° ep.°)
«Os Filhos dos Flintstones»
(17.° ep.°)
17.00 — Ponto por Ponto
18.00 — Estúdio 4
19.30 — Telejornal
20.00 — Bolsa Dia a Dia
20.07 — O Tempo
20.10 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
20.15 — Anos Dourados
(16.° ep.°)
21.10 — Concerto Inaugural da Nova Filarmonia Portuguesa

Num programa produzido por Fernanda Teixeira e realizado por Luís Andrade, a orquestra Nova Filarmonia Portuguesa apresenta-se num concerto efectuado no Palácio de Queluz que constituiu a sua primeira audição nacional. Sob a direcção do maestro Álvaro Cassuto, a Nova Filarmonia Portuguesa interpretará, para além do hino nacional, as seguintes obras: abertura da ópera «L'Amore Industrioso», de Sousa Carvalho, abertura da ópera «La Clemenza di Tito», de Mozart, abertura da ópera «Il Duca di Foix», de Marcos Portugal, «Staccato Brilliante», de Joly Braga Santos em primeira audição absoluta, e a Sinfonia n.° 1 em dó menor, op. 21, de Beethoven.

22.15 — As Aventuras de Ana
(2.° ep.°)
23.10 — 24 Horas
23.40 — Remate

RTP 2

16.25 — Trinta Minutos Com...
16.55 — Helena
(37.° ep.°)
17.30 — O Regresso de Antílope
(9.° ep.°)
18.00 — Equinócio
(9.° ep.°)

Mais um episódio da telenovela "Anos Dourados" no Canal Um, esta noite,às 20.15

Amanhã, a RTP-2 dá, às 22.10, mais um episódio da série "A História"

19.00 — Totally Live
19.55 — Clássicos da TV
«O Fugitivo»
(60.° ep.°)
20.45 — Cem Grandes Quadros
21.00 — Jornal das Nove
21.30 — Montra de Livros
21.35 — Especial Pesaro
22.05 — A Campanha
(1.° ep.°)
23.00 — Século XX
«A Guerra da Coreia»
(4.° ep.°)

No quarto episódio desta série documental, as imagens transportam-nos ao mês de Dezembro de 1950, numa altura em que as forças das Nações Unidas destacadas na Coreia do Norte se defrontam com graves problemas. Depois de um ataque em massa infligido pelas tropas chinesas, as forças das Nações Unidas foram obrigadas a recuar para o território da Coreia do Sul. Ao mesmo tempo, na «arena» da política mundial, desenrola-se uma verdadeira batalha entre McArthur e Truman que tem como resultado a demissão de McArthur em Abril de 1951. No mês seguinte, a Coreia do Norte e a Coreia do Sul encontram-se num beco sem saída.

AMANHÃ

RTP-1

09.00 — Abertura
09.02 — Bom Dia
10.00 — Às Dez
12.20 — Selva de Pedra
(Telenovela)
13.00 — Jornal da Tarde
13.30 — Derrick
(Série)
14.30 — Imagens da Arte Portuguesa
«O Barroco no Norte de Portugal»
15.10 — Bruce Willis
16.00 — Brinca Brincando:
«Defensores da Terra»
Danny , o jovem futebolista
17.00 — Ponto por Ponto
18.00 — Estúdio 4
19.30 — Telejornal
20.00 — Bolsa Dia a Dia
20.08 — O Tempo
20.10 — Boletim Agrário do Minist. da Agricultura
20.20 — Anos Dourados
(Telenovela)
21.20 — Escolher Saúde
Tema: Hepatites
21.40 — Homens da Segurança
(Série)
22.25 — Brasil
(Série)
22.55 — Tribunal de Polícia
(Série)
23.15 — 24 Horas
23.50 — Remate
00.05 — Pela Noite Dentro
«A Última Batalha»

RTP-2

14.30 — Abertura
14.31 — Filhos e Filhas
14.55 — Agora Escolha!
16.25 — Giramundo
16.50 — Helena
(Telenovela)
17.25 — O Trovão
(Série)
17.50 — Atletismo: Final do Grande Prémio IAAF
20.45 — Cem Grandes Quadros
21.00 — Jornal das Nove
21.30 — Montra de Livros
21.35 — Clube de Jornalistas
22.10 — A História
(Série)
23.05 — Entre Barreiras
23.30 — Troféu

O «Diário de Lisboa» não se responsabiliza por alterações que a RTP introduza nesta programação e sobre as quais o jornal não seja informado em tempo devido.

ESTÉTICA E CABELOS

OVA

MARQUÊS DE POMBAL, 1
LISBOA

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

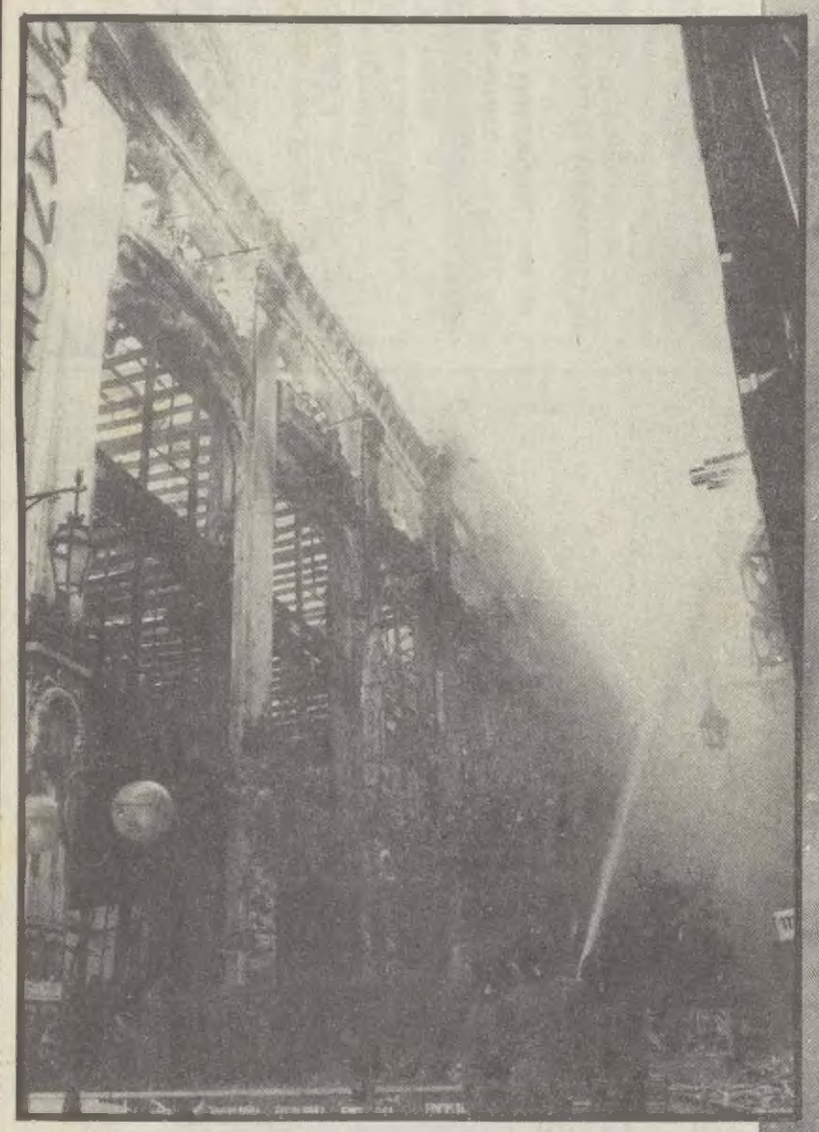
RTP 1
22.40 —
As Aventuras de Ana
(Série)

RTP 2
22.55 — Século XX
«A Guerra da Coreia»
(Série)

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

«As Aventuras de Ana»

da baixa histórica de Lisboa. Para tanto, terá contribuído em boa parte a actual arquitectura da Rua do Carmo e as inerentes dificuldades no acesso dos bombeiros ao local onde as chamas se iniciaram. Uma responsabilidade ainda não apurada na íntegra mas sem resposta do presidente da Câmara de Lisboa, Krus Abecasis. As suas declarações, até agora, vão no sentido de que a recuperação não será possível sem um projecto global. Cavaco Silva, que chegou ao local pouco antes do meio-dia, já referiu que se trata de «uma catástrofe para Lisboa». Mário Soares, antes, tinha declarado que «vamos recorrer a todos os meios possíveis para acorrer ao que for necessário».



PORTE PAGO

DL

Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54/5 — 32 02 71/2/3 — Publicidade: 36 87 40
Serviço de noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71/2/3
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS, Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84
Preço do «DL» nos Açores e Madeira: 65$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director **A. Ruella Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

CONDOLÊNCIAS DE DÉLORS: «Foi com emoção que tomei conhecimento do incêndio que neste momento assola.o centro de Lisboa. Nesta dramática circunstância, em nome da Comissão das Comunidades Europeias e em meu nome próprio, quero assegurar-vos a nossa profunda simpatia». Este o teor de um telegrama de Jacques Délors enviado esta manhã ao Presidente da República e ao Primeiro-Ministro.

Munsell COLOR Linear Gray Scale
G 5 10 15 20 25 30 35 40 45 50 55 60 65 70 75 80 85 90 95 G
mm
Designed in cooperation with imagingetc.com